O Malho

ANO LII — NÚMERO 168 — JANEIRO 1954 — PREÇO — CR$ 5,00

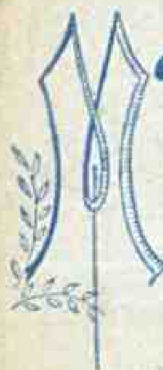


REGIS — Ele está cercado !

ETELVINO — Então, cuidado. Quando se vê acuado, ele se torna perigoso !...

NESTE NUMERO:

AS MAIS BELAS PISTAS DOS ALTOS ALPES



Monogramas artísticos

ALBUM N.º 5

Quem não precisa, de quando em quando de um monograma? Este album reune em suas inúmeras páginas os mais interessantes tipos de monogramas.

Um desfile de letras, nos mais variados estilos, com possibilidades de centenas de caprichosas combinações! O mais completo album que existe no gênero!

44 páginas úteis e bem feitas.

PREÇO: Cr$ 20,00

Bordados infantís



ALBUM N.º 2

A nova edição, muito melhorada, reune em suas páginas bonitos trabalhos, nas côres próprias, especialmente desenhados para o mundo infantil.

Os desenhos, todos muito graciosos, são de fácil execução e foram preparados justamente no sentido de desenvolver entre a gente miuda o bom gôsto pelo bordado.

São páginas e mais páginas que constituem verdadeiro encantamento para as crianças.



PREÇO: Cr$ 15,00



Toalhas artísticas

ALBUM N.º 3

Toalhas... peças que contribuem para adôrno do Lar!

Na dimensão da execução, elegantíssimos riscos para bordar toalhas de fino gôsto! São 40 páginas, coloridas, que formam um conjunto admirável de sugestões práticas e artísticas!

Os desenhos são, todos, acompanhados de explicações claras, de fácil execução!

PREÇO: Cr$ 25,00

Blusas Bordadas



ALBUM N.º 3

Blusa!... Uma peça que realça sempre a graça da beleza feminina! Este album apreresenta uma série de riscos e desenhos de encantadoras blusas, para todos os gôstos!

Modelos modernissimos; desenhos em ponto de sombra, fantasias e aplicações de cambraias e fustão.

PREÇO: Cr$ 25,00



Figurino Infantil

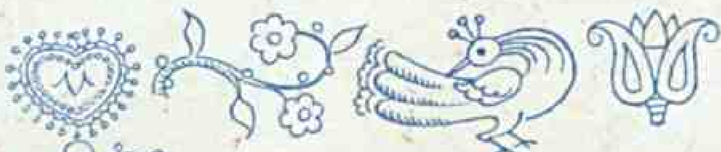
ALBUM N.º 7

ESTE album foi preparado exclusivamente para resolver o problema da indumentaria das crianças! Em suas 40 páginas as costureiras encontrarão grande variedade de modêlos de vestidos e roupinhas!

As donas de casa que costuram para os seus filhinhos, mesmo sem grandes conhecimentos do assunto, poderão executar os modêlos, todos graciosos e práticos, em virtude das explicações claras que o album oferece.

Um album-figurino de grande utilidade nos Lares!

PREÇO: CR$ 25,00.



Motivos para bordar

ALBUM N.º 4

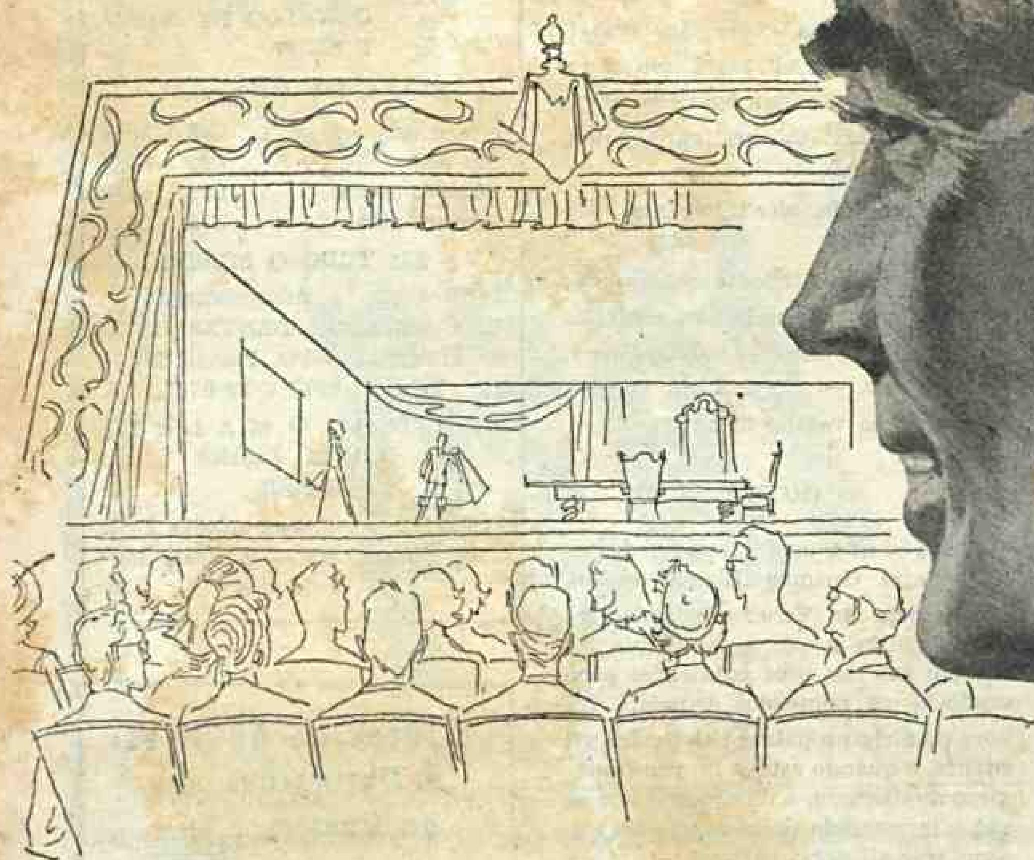
O próprio nome já indica a finalidade dêste útil album...

Em suas páginas, coloridas, existe uma interessantíssima coleção de desenhos ao alcance das mãos femininas, à guisa de sugestão, para a execução dos mais variados trabalhos.

São pequenos enfeites... figuras variadas... monogramas... enfim encantadores motivos, de fácil execução, para uso pessoal e adôrno do Lar.

PREÇO: Cr$ 20,00

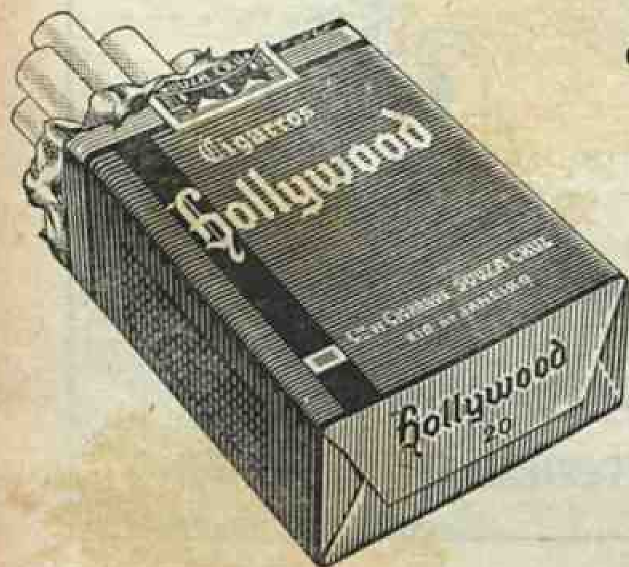
TODOS estes albuns são editados pela biblioteca de "Arte de Bordar". Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importancia, ou pelo serviço de reembolso postal. Pedidos á S. A. O MALHO— Rua Senador Dantas, 15 - 5º and. Caixa Postal, 880 Rio.





Um crítico de teatro...

...é aquêle que distingue entre as peças a que apresenta mais forte expressão de bom gôsto. Êsse mesmo senso de discernimento é que leva os fumantes a preferir



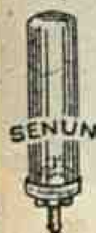
hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE ALEXANDRE

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA ÁS FACES UM ROSADO INCOMPARAVEL
Á VENDA EM TODA A PARTE



AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS ESTERILISANTES
SENUN

TROCA INUTIL

DE tal modo impressionou-se Henrique IV, vendo pela primeira vez a formosa daquesa de Beaufort, que, chamando Sancy, seu ministro, ordenou-lhe:

— Ide a Roma, como meu embaixador especial e, alí, fazei com que o Papa anule meu casamento com a rainha Margarida. Casarei, em seguida, com a duquesa.

— Que idéia, sire! Por que, afinal?

— Margarida, todos o sabem, não procede bem. Dir-se-ia uma cortesã...

— Ora esta, sire! — volveu Sancy, francamente. — Cortesã por cortesã, não lhe vejo vantagem na troca.

O OUTRO

Conta-se que, uma ocasião, o famoso general Guzman Blanco visitou uma aldeia da Venezuela onde, segundo antiga praxe, o município incumbiu um dos seus habitantes para saudá-lo em nome dos demais. Na hora de dirigir a palavra ao ilustre visitante, e quando estava no ponto máximo do discurso, o delegado quase se viu interrompido pelos zurros de um asno, que alí perto pastava.

Como os zurros não cessassem, virou-se o general para alguém de sua comitiva, e ordenou:

— Faça calar êste asno, peço-lhe.

Desprevenido, humilde, o orador perguntou, entre receioso e espantado:

— Eu, senhor?!

— Não; o outro — respondeu Blanco com a maior naturalidade deste mundo.

O MALHO
MENSÁRIO ILUSTRADO
Edição da S. A. O MALHO
Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Preços das Assinaturas

Seis meses	Cr$	30,00
Um ano	Cr$	60,00
Número avulso..	Cr$	5,00
Número atrasado	Cr$	6,00

EM TODO O BRASIL
Redação e Administração
RUA SENADOR DANTAS, 15 — 5.º andar — Caixa Postal 880 — Tels. 22-9675 e 22-0745.
End. Teleg.: O MALHO
Rio de Janeiro
BRASIL
Publicidade e assinatura em São Paulo.
Av. Ipiranga, 879 — 13.º Sala 131
T el. 36-4564

Juros de Apólices e Obrigações de Guerra
Recebe-se fàcilmente sem perda de tempo no Centro Loterico


CENTRO LOTERICO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 9

JORGE AZEVEDO
apresenta
VITRINE LITERÁRIA *às quartas e sextas-feiras às 22,05 horas na*
RADIO INCONFIDENCIA
ALTO PATROCÍNIO DOS LABORATÓRIOS ENO-SCOTT


CASEMIRA
E
TROPICAL
PERI PERI PERI PERI
"O PANO QUE NÃO ACABA"

SÔBRE OS QUE FURTAM

O padre Antonio Vieira, falando dos ladrões, isto disse: — "Os ladrões que mais própria e dignamente merecem êste título, são aqueles a quem os reis entregam os exercitos e legiões, ou o govêrno das provincias, ou a administração das cidades, os que, já com manha, já com fôrça, roubam e despojam os povos".

E acrescentou:

— Os outros ladrões roubam um homem, êstes roubam cidades e reinos; os outros furtaram debaixo do seu risco, e êstes sem temor nem perigos; os outros, se furtam, são enforcados, e êstes furtam e enforcam".

Citando Diógenes ainda disse:

— "O filósofo, que tudo via com mais aguda vista que a dos outros homens, via que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levavam a enforcar uns ladrões e começou a bradar: "Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos!"

— Que o redator da "Malagueta" o esperasse à noite pois o iria visitar e esclarecer o seu espírito. May esperou e para testemunhar a humilhação do ministro vieram amigos valentes como o padre Antonio Gomes, Lobo de Saldanha e Silva Calado, cirurgião-mór da Academia da Marinha.

Ia animada a prosa e já os circunstantes motejavam com ruidosas gargalhadas, quando às 8 horas da noite, 4 homens irromperam pela sala com lenço no rosto e espada em punho.

Travou-se uma luta no escuro, e May acabou ferido na mão com um golpe que o marcou para o resto da vida.

E êsse processo de José Bonifácio mais de uma vez foi repetido.

Narrado por Melo Morais (Pai).



Todos dizem que é formidável
tem tudo, tem coisas mil.
"Tiquinho" é lindo, adoravel,
esta nova revista infantil.

"DÁ TRABALHO A UM CEGO, E SERÁS O BANDEIRANTE DA SUA REDENÇÃO"

PÃO DE AÇUCAR

O passeio das sensações! Sensação de orgulho pela obra cientifica do homem, dominando o espaço em uma via original e segurissima. Sensação de patriotismo por se tratar de emprêsa exclusivamente brasileira. Sensação de deslumbramento na contemplação do panorama da cidade maravilhosa.

RESTAURANTE E BAR

O caminho aéreo funciona diariamente das 8 hs. às 22 horas, subindo o carrinho tôdas as horas e meias horas certas. Passagens: Cr$ 10,00 até o Morro da Urca e mais Cr$ 7,00 até o Pão de Açúcar. Gratis para crianças até 1,20m. de altura. Bonde: Praia Vermelha. Ônibus: para a Urca ns. 13 - 47 e 106. "Urca N.º 13".

Informações pelo telefone: 26-0768.

AS MENINAS AGORA TÊM A "SUA" REVISTA



CIRANDINHA

Revista mensal totalmente colorida, será a amiga preferida das meninas na idade em que começam a se interessar por tudo o que constitui assunto estritamente feminino.

Em suas páginas encantadoras CIRANDINHA oferece

Poesias e contos ilustrados
Ensinamentos e receitas
Jogos e brinquedos de armar
Canções — Curiosidades
Modelos de vestidos e bordados
Religião — Conselhos — Humorismo.

Edição da S. A. "O MALHO"
Rua Senador Dantas, 15 - 5.º andar
RIO DE JANEIRO
Editora de "O Tico-Tico" e "TIQUINHO"

BARRIGA VERDE

(J.)

(ESPECIAL PARA "O MALHO")

SEMPRE que nos referimos à operosa gente do Estado de Santa Catarina, e, de maneira muito regional, a queremos destacar dos patrícios nossos de outras unidades da Federação Brasileira, nos a anunciamos assim "Barriga Verde"!

Ora muito bem! Que ráio de designação é essa? As barrigas daquêles patrícios nossos, em rígida conformidade com as leis naturais, devem ser exatamente da mesma côr do resto do corpo.

Assim pois, se o cavalheiro é branco, moreno, mulato, negro etc., os revestimentos epidérmicos de suas panças devem ser do mesmo tipo.

A Barriga impriaria em agirmos a existência de um homem ou de uma mulher verde e isso não existe nem lá em Santa Catarina nem tão pouco em outro ponto qualquer do Brasil.

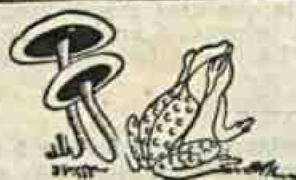
Mas a designação existe, disto não temos a menor dúvida e não tem o mínimo aspecto de depreciação, tanto assim que podemos proclamar em pleno salão onde estejam brasileiros catarinenses.

Para não dar nem um trabalho a Vocês de procura insistente em arquivos, nós nos apressamos em revelar a origem histórica da coisa.

Na transição que fizemos da monarquia para a República, tivemos que enfrentar sérias lutas internas decorrentes de desencontros práticos na maneira como realizar a República, desencontros entre os próprios construtores do então regimem.

Houve uma revolução que está na história com o nome de Revolta de Custodio contra Floriano. Essa revolução teve grande projeção no extremo Sul e Santa Catarina entrou fortemente na luta. Foi Garibalde o grande incursionador militar em Santa Catarina. Ele e os seus comandados usavam uma facha verde a cintura. Esta faxa foi símbolo dos que aderiram a causa. Passada a luta Custódio Floriânica a côr verde da facha passa para a Barriga e o símbolo da côr esmeraldina deixa de representar a revolução passando a simbolizar a origem estadual daquêles nossos patrícios.

"DÁ TRABALHO A UM CEGO, E SERÁS O BANDEIRANTE DA SUA REDENÇÃO"



Um livro que é um tesouro de encantamento e bom humor:

"A Namorada do Sapo"
de SEBASTIÃO FERNANDES
(2.ª edição)

Paginas alegres e empolgantes que prendem a atenção de todas as crianças.

PEDIDOS A S. A. "O MALHO" — RUA SENADOR DANTAS, 15 5º ANDAR - RIO

Fazemos remessas pelo Reembolso Postal. PREÇO CR$ 10,00

ACHEI...
a solução do seu caso
LOÇÃO PHENOMENO
TARRÉ
o Tonico capilar por excelencia

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
COMBATE E EVITA AS RUGAS
Á VENDA EM TODA A PARTE

CLINICA DO
DR. OSWALDO SERRA
Assistente da Faculdade Nacional de Medicina — Assistente da Clinica do Prof. F. E. Rabelo — Chefe de Ambulatório da Santa Casa de Misericórdia.
DOENÇAS DA PELE — SIFILIS — CANCER E DOENÇAS VENÉREAS
Ondas-Curtas, Ultra-Violeta, Infra-Vermelho, Diatermo, Coagulação, Iontoterapia, Radiumterapia e Neve carbônica.
CONSULTÓRIO:
Av. 13 de Maio, 23 — Edificio DARKE — 7.º andar — Salas 723 e 724 — Telefone: 52-0147.
Consultas diárias dás 16 às 19 horas (exceto aos sábados).
Residência: Telefone: 25-4660.

CONTRABANDO DE VOLTAIRE

AROUET (Francisco Maria Arout), que ao sair da Bastilha se deu o nome de Voltaire, tirado de um pequeno domínio de Margarida d'Aumart, sua mãe, era considerado desde moço, um espírito maligno e zombeteiro, posto que se revelasse em cem preciosíssimos volumes, o grande gênio que êle foi.

Uma vez, chegando secretamente a Paris, viu-se detido nas portas da cidade, pelos agentes do fisco, que lhe perguntaram se não trazia no carro alguma cousa sujeita a impostos.

— Não trago.

— Seriamente?

— Ora! Creiam os senhores que o único contrabando dêste carro sou eu.

E era certamente.

A ESPOSA DE CAMPOS SALES

DONA Ana Gabriela de Campos Sales, esposa do grande estadista que chegou a presidência da República, foi o melhor incentivo para a luta que travou, durante a propaganda, o grande cidadão. Entusiasta do novo regime, andava a ilustre senhora ao par de todos os planos de seu marido, e de tal modo que, ao despedí-lo para ir a algum dos perigosos encontros com os outros propagandistas, não se esquecia de recomendar:

— Vá... e hoje não se lembre que tem mulher e filhos!

Narrado por Antonio Ribas.

PILULAS


(PILULAS DE PAPAINA E PODOPHYLINA)
Empregadas com successo nas molestias do estomago figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tonicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funcções gastro-intestinaes.
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS
Depositarios:
JOÃO BAPTISTA DA FONSECA
Vidro Cr$ 5,50 pelo Correio Cr$ 6,50
Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

DR. UBALDO VEIGA
ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PÉLE E SÍFILIS
Chefe desta clínica na Beneficiência Portugueza. Consultas — rua do Ouvidor, 183 — 5.º andar — sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs-feira, das 16 às 17,30 Hs.


As crianças adoram "Tiquinho"
a revista infantil diferente.
Dê também, hoje, ao seu garotinho,
a revista dos tiquinhos de gente.

Codeinol
CONTRA BRONQUITES, ASMAS, TOSSES, ROUQUIDÃO E COQUELUCHE
— nunca falha!..



UMA REVISTA DIFERENTE PARA OS "TIQUINHOS" — DE GENTE! —

TIQUINHO

CADA NÚMERO CONTÊM
32 PÁGINAS ATRAENTES
TODAS COLORIDAS

*

"TIQUINHO" aparece a 15 de cada mês.

*

PREÇOS DAS ASSINATURAS
— 12 NÚMEROS CR$ 50,00 —

PREÇO DO EXEMPLAR CR$ 4,00

"DÁ TRABALHO A UM CEGO, E SERÁS O BANDEIRANTE DA SUA REDENÇÃO"

Movimento editorial

AS Edições Melhoramentos publicam o maravilhoso romance da arqueologia: "Deuses, túmulos e sábios", de C. W. Ceram, a mais notável obra de divulgação dos últimos tempos, versão de João Távora; "Entre a água e a selva", empolgantes páginas de Albert Sshweitzer, prêmio Nobel, tradução de José Geraldo Vieira; "Nossos filhos, nossa alegria", deslumbrante álbum de fotografias de crianças — todas graciosas e bonitas; "O homem e a riqueza", de Mary M. Ambler, da utilíssima série "O homem e o universo"; "O homem e as armas" e "Volta a Matusalém", duas peças formidáveis de Bernard Shaw (quase todas, de sua lavra, foram já publicadas pela Melhoramentos) ! Ótimos livros !

HONI SOIT QUI MAL Y PENSE

(LEMBRANÇA DE BAILE)

ENTRE os episódios populares da história da galanteria, não há mais conhecido, mais célebre que o encantador capítulo relativo as origens da Ordem da Jarreteira. E quando, em qualquer saráu de gala da Inglaterra, avista-se um dos 25 cavalheiros que tem abaixo do joelho esquerdo a liga de veludo azul sôbre a qual se acha inscrita, em velho francês, a divisa, "Honi soit qui mal y pense", não se póde impedir de evocar as circunstâncias romanescas que provocaram esta ordem.

O acontecimento teve lugar, como se sabe, no ano de 1344, no Castelo de Windsor, por ocasião d'um baile da Côrte.

Eduardo III, iniciador da Guerra de 100 anos, dançava com sua amante a Condessa de Salisbury, quando uma das ligas da Condessa se desamarrou e caíu por terra. O rei apanhou-a com vivacidade, mas o gesto tinha sido observado pelos cortezãos e já era motivo de motejos e cochichos maliciosos da assistência.

O rei tomou um partido heróico; em lugar de procurar dissimular a jarreteira, levantou-a ao alto, exclamando: "Honi soit qui mal y pense!" "O que ri hoje se honrará de trazê-la".

E é assim que a Ordem da Jarreteira foi instituída pelo vencedor de Crécy.

UM INFLEXIVEL

EM palestra com o diplomata do Chile, D. Miguel Rocuant, dizia-lhe o presidente Artur Bernardes, sôbre o seu governo:

— "Quando se me apresenta um assunto, começo a estudá-lo só e a fundo, ajudado pela minha experiência; depois, reuno meus amigos, especialmente os de maior preparo na matéria; ouço as suas opiniões, analiso-as, observo ou aceito e, por fim, adoto a resolução que mais diretamente contribua para realizar o que àquele assunto exige do govêrno. Tomada, assim, depois de longos e minuciosos estudos, uma resolução, levo-a a prática sem atender, na maior parte das vezes, nem ao artigo do jornal da oposição, nem ao discurso do deputado adversário da minha política, porque sei que nem o jornalista, nem o orador se deram ao trabalho de estudar, tão sériamente como eu e meus amigos, o assunto de que se trata. Esta é uma das razões da inflexibilidade das minhas resoluções de Govêrno".

"Excelsior", de Santiago, de 15 de novembro de 1925.



Arte e Decoração
CORTINAS
TAPETES
E MOVEIS
ASA — UNES
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
65 - RUA DA CARIOCA - 67
RIO


O TICO-TICO

A REVISTA QUE SEU FILHO DEVE LER

Preço do exemplar
— Cr$ 4,00 —

ÓLEO DE OVO

Marca Registrada



Cabelos sedosos e ondulados



Exija o legítimo de CARLOS BARBOSA LEITE que traz o nome de garantia

PETROLOVO

Agrada A TODOS



À VENDA

PREÇO
25
CRUZEIROS

PELA BELEZA DE SUAS PAGINAS, PELA VARIEDADES DOS ASSUNTOS, PELA EXCELENTE APRESENTAÇÃO, PELA CONFIANÇA QUE INSPIRA, PELA TRADIÇÃO QUE O ACOMPANHA COMO O MAIS COMPLETO E MELHOR ANUÁRIO INFANTIL BRASILEIRO



Almanaque d'O TICO TICO

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A S. A. "O MALHO" — Senador Dantas, 15 — 5.° — RIO.

ANO LI

O Malho

168

Direção de Antonio A. de Souza e Silva e Oswaldo de Souza e Silva

AS INIQUIDADES DA JUSTIÇA

NA magistratura local o juiz de Direito Olavo Tostes Filho tem se destacado pela superioridade de suas decisões. Presidindo o Tribunal do Juri coube-lhe a tarefa gigantesca de movimentar numerosos processos que se arrastavam à espera de julgamento, resultando daí uma serie de atos impressionantes. Ainda recentemente foi impronunciado o réu de um crime de morte que se caracterizava rigorosamente pela legitima defesa. Não precisou o juiz que o conselho de sentença se reunisse para se manifestar a respeito, porque nos autos estavam todas as provas de que o delito resultara da necessidade do réu libertar-se do ataque de adversários com superioridade de força e de armas. A proposito desse fato, o juiz Olavo Tostes Filho viu-se na contingencia de fornecer outros esclarecimentos sobre a situação da justiça criminal, assoberbada de processos a tal ponto que são inumeros os casos de criminosos que permanecem dois e três anos no carcere aguardando sentença, e muitas vezes essa demora importa em verdadeira condenação sem julgamento. Quantos não são absolvidos depois de terem purgado na cidade o mal que cometeram por tempo maior do que aquele que a lei determina... E os que são condenados a penas mínimas, inferiores ao prazo de sua reclusão... Por esses motivos é que esse magistrado severo e probo sugere a conveniencia de modificar-se a legislação criminal de forma a evitar que a justiça se torne protetora de iniquidades.



A sociedade, no conceito desse ilustre togado, não pode impedir a privação da liberdade indefinidamente ou a longo prazo aos que carecem de absolvição e a terão de obter, logo que sejam examinados os autos com a conveniente rapidez.

MALHANDO em ferro frio...

O IMPOSTO PREDIAL

A Câmara Legislativa do Distrito Federal recebeu um projeto que manda isentar do pagamento do imposto predial a casa própria até o valor máximo de quinhentos mil cruzeiros. E' uma medida que visa amenisar um pouco a situação de numerosos contribuintes que residindo em imovel de sua propriedade são obrigados a tibutos iguais aos que devem ser cobrados aos que exploram a indústria da locação imobiliária. As avaliações arbitrárias do valor locativo concorrem para verdadeiras injustiças que atingem de preferencia os pobres possuidores de um teto modesto. Resulta daí que o tributo se torna o pesadelo dos que habitam casa própria, e a Prefeitura passa, de departamento administrativo com função arrecadadora, a autentica socia dos proprietários. Afigura-se-nos, porém, pouco viável a providência com o carater radical que lhe imprimiu o autor do projeto. A isenção total não corresponde ao interesse do fisco. Haverá, certamente, oposição à idéia que corre o risco de ser recusada. Com o pensamento na possibilidade de um privilégio, é de crer que a maioria do legislativo do municipio acabe por condená-la. Melhor seria que se voltasse à velha legislação sôbre a matéria. Os prédios destinados à moradia do dono seriam classificados numa classe a parte, com contribuição mais reduzida. Enquanto os prédios de aluguel têm de pagar de acôrdo com o preço da locação, aqueles que servem unicamente aos respetivos donos pagarão cinquenta por cento menos. Trata-se de uma vantagem que os legisladores cariocas podem conceder sem escandalo. E com o mérito de não inovar porque repete o que já se fez com agrado de todos.

AS PUBLICAÇÕES OBCENAS

Prosseguindo no caminho por que enveredara o seu antecessor, sr. Negrão de Lima, o ministro da Justiça convocou elementos vários para o planejamento de uma campanha decisiva contra as publicações obcenas. E' esse um velho problema da cidade. Antigamente os orgãos desse gênero eram apenas dois: o "Coió" e o "Rio Nú" semanários fesceninos, sem dúvida, mas mais de galhofa do que de imoralidade impressa. As autoridades, dentro das linhas do Codigo Penal acabaram com essas folhas. Agora a cousa assume proporções de calamidade consentida. São dezenas as revistas e folhetos desse tipo, e com aperfeiçoamento das artes gráficas as suas possibilidades de disseminação do mal são infinitamente maiores e mais perigosas. O nudismo serve de capa a muita falta de vergonha. Gravuras licenciosas, textos pornograficos grosseiros e sem qualquer velatura, circulam livremente pelas repartições postais e percorrem o pais inteiro, estimulando a juventude à pratica de aos condenáveis e nocivos à sua dignidade. Em envelope fechado, com avisos sedutores, vendem-se livros e revistas ultra-apimentadas, para não dizer indecenterrimas no fundo e na forma. Quando à frente da pasta da Justiça o embaixador Francisco Negrão de Lima recomendou um ataque frontal a essas publicações, mas lembrou que talvez fosse necessário reformar a legislação no sentido de torná-la mais eficiente e de ação mais rápida. E é sôbre isso que se vai discutir para que o Poder Legislativo delibere a respeito e sem delongas, com a energia reclamada pela gravidade da situação...

Natal só para millionários...

O Natal do ano que passou, pode-se dizer sem exagero que foi um Natal de milionários. Nunca se viu preços tão elevados para os artigos que constituem a base dos negócios nessa época. As mercadorias importadas atingiram a um valor astronômico. Basta lembrar que um melão desses que eram vendidos a quarenta cruzeiros o quilo subiram para noventa. Mais do dobro. As maçãs, as peras, as uvas, andaram também custando os olhos da cara, e das castanhas e do bacalhau nem é bom falar para não cair de susto. As consoadas do pobre e do remediado tiveram de alimentar-se com as classicas rabanadas, porque o resto ou não havia na praça por carência de divisas, ou se havia em pequena quantidade mal dava para os possuidores de fortuna e suficientemente corajosos para dar cinquenta cruzeiros por uma duzia de cajús, ou vinte por um abacaxi mirrado e verde. Os importadores, diante da perspectiva de ter de arrancar a pele do freguês limitaram as suas aquisições no exterior, com receio de que a metade se estragasse. Nunca tivemos um Natal tão melancolico, tão mesas vazias, como o do ano que passou...



ORIGEM

GETULIO — Então "vosmincê" andou dizendo que o candidato ao govêrno de São Paulo não sairá do bolso do meu colete !

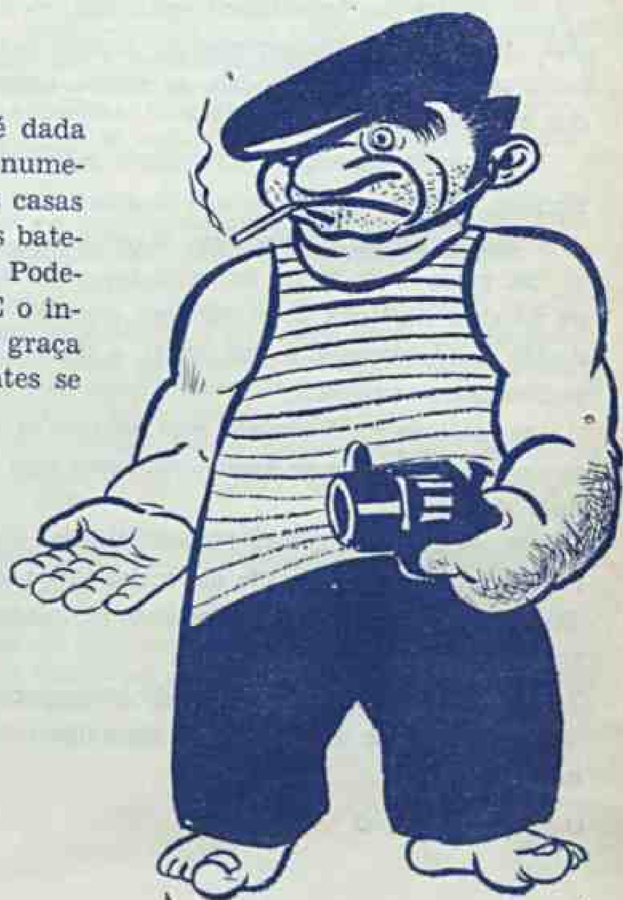
GARCEZ — E não sairá mesmo; sairá das urnas.



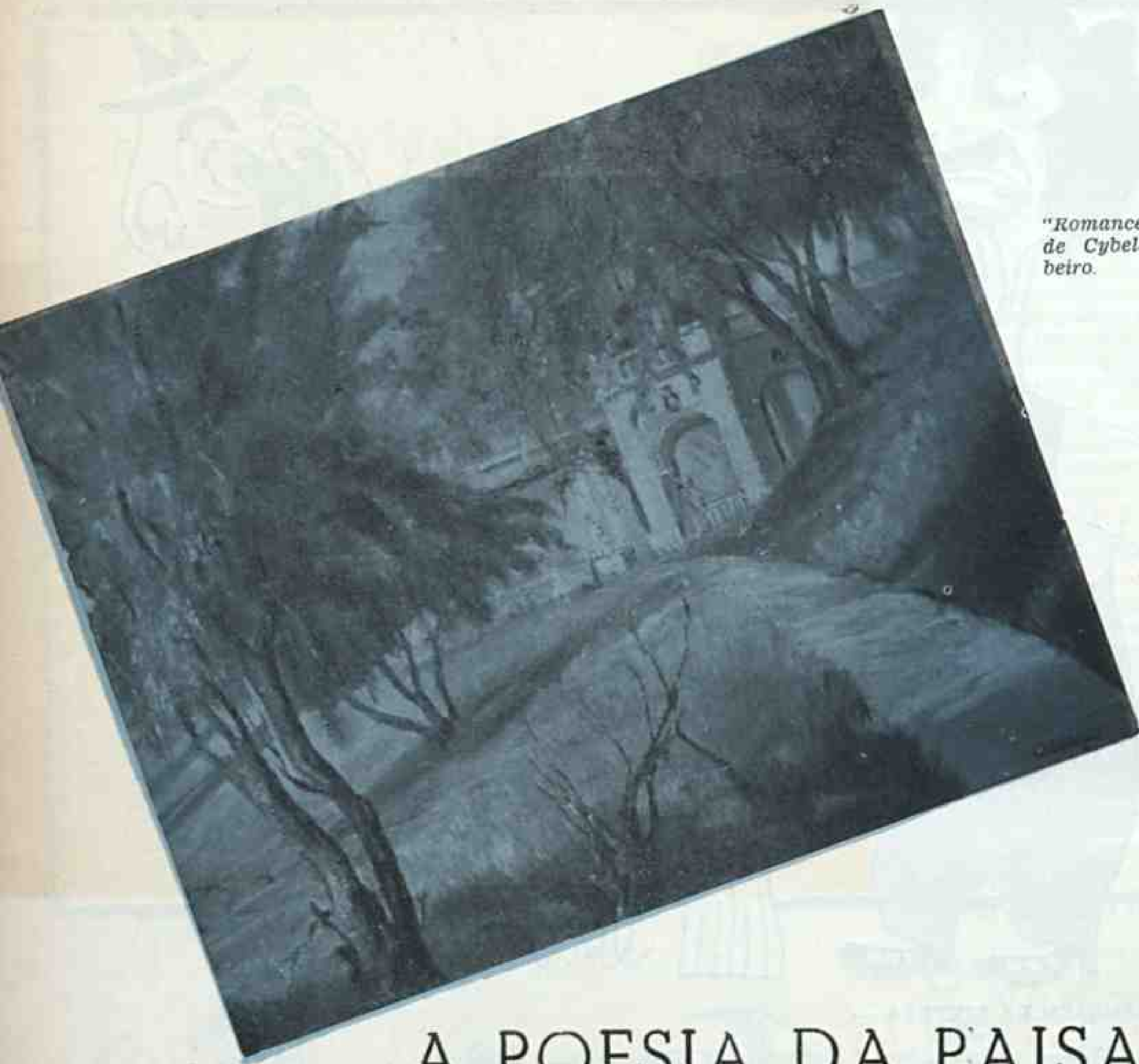
SOB O REGIMEM DA LIMPEZA —

JÂNIO QUADROS — A minha vassoura é administrativa, *a vassoura* política *é do eleitorado...*

GATUNOS A GRANEL



A nota palpitante do registro de crimes nesta cidade é dada pela gatunagem. Todos os dias o noticiário anuncia numerosos assaltos de vária natureza, nos trens suburbanos, nas casas de negócio, nas ruas do centro, nos bondes e nos ônibus. Os batedores de carteira continuam operando com rara habilidade. Pode-se dizer que a média das pungas diária é de uma dezena. E o interessante é que em muitos casos a polícia dá um ar de sua graça a tempo de catrafilar os meliantes. Entre êles os reincidentes se contam por centenas. Por que reaparecem eles em cena dessa maneira, se foram já processados e condenados? Apenas porque, segundo declarações recentes de uma alta autoridade, não existe lugar nos presidios para tanto malandro. Assim, eles são apanhados, passam uns dias na sombra, e logo são postos em liberdade. Repetem as façanhas até novo encontro com a policia, e então eis que se repete também a libertação por falta de espaço nas cadeias. Os gatunos sabem disso, agem à vontade, comportam-se como bonzinhos até que os mandem de novo passear e trabalhar no bolso do alheio... Uma beleza, numa cidade civilizada como esta de S. Sebastião do Rio de Janeiro...



"Romance Antigo", tela de Cybele Pinheiro Ribeiro.

A POESIA DA PAISAGEM

A técnica tem importância muito relativa na pintura paisagistica. Ela pertence ao mundo das formas visiveis, e o artista dela se utilisa apenas para dar corpo ao seu sentimento.

Com maior ou menor virtuosidade o paisagista desenvolve o tema pictórico e nele traduz a sua visão de determinado trecho da natureza silvestre.

Na graça do corte, na figura do toque, na suavidade ou no vigor dos tons, de acordo com o momento reproduzido e interpretado, é que reside o segredo, a nota poética fixada na tela.

Ai então as côres cantam, com estridor de fanfarra ou doçura de surdina de violino, conforme com a variedade do assunto.

Na paisagem de Cybele Pinheiro Ribeiro o que logo nos impressiona é o encanto das meias tintas, o sentido de doce romantismo que sai das suas pinceladas carregadas de luz difusa e envolvente.

Este quadro exprime o seu titulo: "Romance antigo".

E' um recanto do parque com duas figuras em idilio na sombra.

Esses vultos se integram no ambiente que deles recebe um sopro fecundo de humanidade.

Há qualquer cousa de remoto nas linhas que se confundem com a atmosfera de sonho.

As árvores como que projetam as suas ramas sôbre o par de namorados e apenas deixam que ligeiros raios luminosos lhes destaquem os perfis junto às colunas do fundo.

Aquele caminho foi por êles percorrido lentamente, talvez numa manhã de sol, talvez numa tarde melancolicas. Voltará a ser trilhado pelo par amoroso, todos os dias.

Sente-se que por aquelas frondes os pássaros cantam e amam...

Romance antigo, denominou-o a pintora que é das mais brilhantes expressões da nossa arte contemporânea, um valor novo que ascende pelo seu mérito, pela sua honestidade de processos, pela intensidade com que transfunde a sua alma nos frutos de seu espírito.

Romance antigo, mas também romance de todos os tempos, romance eterno...

O presépio é um dos motivos preferidos pela arte popular, são exemplos disso: as estátuas dos presépios das igrejas, as pastorais representadas por atores amadores, e os presépios vividos pelos títeres.

Os primeiros presépios surgem no século XII, muito simplificados, constam de um "praesepe" cercado pelas figuras dos intérpretes, geralmente armados ao ar livre sob o pórtico dos mosteiros, como em St. Benoit sur Loire.

Em todo casa, o presépio como o conhecemos, só passou a ser tradicional com os Natais cantados por volta do século XVI, época em que desapareceram os autos litúrgicos, quando os personagens passaram a ser representados em madeira, pedra ou argila.

Alguns espécimes datam dessa época, como as esculturas da parte externa do côro em Chartres, o grupo em terra cota da igreja de Saint Paterne, no departamento de Indre e Loire, os de madeira e de pedra em Brou (Ain), de La Celle (Eure), da catedral de Amiens, e principalmente de Saint Vulfran em Abbville.



Tôdas as igrejas de Paris possuem seus presépios que ficam expostos durante o Natal. Este, data do século XVIII.

PRESÉPIOS FRANCESES

Em Nogente-le-Rotrou, nota-se em primeiro plano, entre as figuras que medem de 60 cm. a um metro, um Rei de Judá tocando harpa, que de rosto lembra Henrique IV com sua barba aparada e seu nariz típico dos Borbons.

Porém, nem sempre os presépios permaneceram nas igrejas a que se destinavam, alguns tornaram-se patrimônio precioso de vários museus.

No Museu Borély em Marselha, três presépios recordam na multiplicidade de seus estilos e vestuários, a época de Luís XIV (os reis magos com vestes amplas e penteados emplumados), de Luís XV (cênas pastorais de salão, riacho de cristal, cordeiros comendo flores de diamantes), e de Luís XVI (conchas e plantas).

No Museu de Orleans, existem feitos de filigranas de vidro de Nevers, onde se veem minúsculas figuras de camponeses.

Em fins do século XVIII, teatros pequenos criaram a "pastoral" com bonecos que não eram movimentados por meio de cordões, mas por um mecanismo interno.

Em quase tôda parte, na Provença, no Franco Condado, na Bretanha, em Paris, não houve quem não se encasquetasse por essas figurinhas de mãos e rosto de cera.

Charles Nodier nos conta que em Besançon, na véspera do Natal em 1793, certo titereiro tentou resuscitar a tradição que a Revolução abolira; no dia seguinte viu-se obrigado a fazer as malas guardando todo o elenco; "anjos e homens, burguêses e camponêses, reis e pastores, o burro do estábulo e o procurador da comuna". (Charles Nodier, "Revue de Paris" 1841).

Em princípios do século XX, o presépio bizantino deixa de ser representado por titereiros, persistindo porém a tradição dos "pesépios" representados por amadores.

Na Provença, onde a "Foire aux Santons" vem dar vida nova anualmente a uma série de figuras lendárias, os artezãos locais ainda respeitam as convenções românticas, embora precisamente nessa região, as origens dessa tradição sejam muito mais antigas.

De fato, foram frades franciscanos que no século XIV trouxeram da Itália para Avinhão a moda do presépio popular.

E só mais tarde, em Marselha, é que os presépios mecânicos conhecerão seu maior fastígio, já nos fins do século XVIII.

O Natal proporcionava então o ensejo de realizar alegorias dos acontecimentoos e personagens do dia, não sendo de estranhar porisso que o papa Pio VII, depois da Concordata, se dirigisse ao estábulo de Belém, descesse de sua carruagem e abençoasse a Santa Família...

CONCESSIONARIOS VERSUS POSTALISTAS

CARLOS MATHEUS

A Sociologia só pôde surgir, e constituir-se como ciência abstrata, depois que evolução natural das outras ciências permitiu, a necessária generalização da sensibilidade, e com ela a persuação vulgarizada — de que os fenômenos sociais, idênticos aos demais, estão submetidos à dominação de leis invariáveis que manam, indispensável e irrevogavelmente, da própria espontaneidade dos mesmos e constituem as relativas expressões. Não é estranhável portanto, que as ilusões do absoluto — exerçam sôbre o espírito humano o instinto e fatal encanto do passado, sempre renascente pela nostalgia — persistam morosamente sôbre os fenômenos sociais, cuja ordem natural é tanto mais difícil de investigar e de reconhecer quanto mais extrema é a complexidade que oferecem; atrés do erroneo conceito de que tudo é eventual e desordenado na vida coletiva da humanidade.

Considerando-se que a aparente insuficiência da atual organização da sociedade humana e a hipotética confusão reinante entre os homens de ação derivam da escassêz de conhecimentos científicos convenientemente disseminados, — sente-se o sociologo no dever de analisar os fenômenos, determinar as leis e os principios e lhes indicar a significação e a relação indispensável entre os movimentos sociais, a fim de verificar as direções e a extensão, no sentido de ser modificado e encaminhados para os ideais sociais, pelo supremo propósito do progressivo melhoramento da humanidade.

Entre as muitas e diversas cartas que recebo constantemente de leitores, cujo histórico é sempre reivindicação, transcrevo um trecho, da que recebi de Belém do Pará, tendo como signatário o senhor Pergentino Moura.

"O motivo da presente irá surpreender o caro conterrâneo, entretanto, a sua qualidade de jornalista, amigo das boas causas, faz com que leia sem constrangimento, a exposição que se segue:

Existem no Brasil algumas centenas de servidores da União, que, — paradoxalmente, não o são. Há neste país um punhado de brasileiros que trabalham para o Govêrno, sujeitoos às leis do Govêrno, mas sem nenhum amparo do Govêrno. São êles, caro conterrâneo, os vendedores de sêlos do Departamento dos Correios e Telegráfos, com função nas Diretorias Regionais, entre os quais está o seu humilde conterrâneo, signatário da presente.

Fomos admitidos, como concessionários, é verdade, porém, com todos os deveres de funcionários, assinando ponto diário, trabalhando aos domingos e feriados e sujeitos às instruções dos Estatutos dos Funcionários Públicos da União. Somos obrigados a conhecer tôdas as tarifas e algo de legislação postaal. Não somos, sómente, uns vendedores de sêlos como parece e sim postalistas como os que têm legalmente essas funções. Tudo isso por uma irrisória comissão de cinco por cento sôbre o vaalor dos sêlos requisitados, ainda limitada a quarenta mil cruzeiros.

Inteirado dessa anomalia o ilustre deputado Euzébio Rocha apresentou um projeto que tomou o número 3.562, pela qual cria o quadro de FIEIS DE SÊLOS, com o automático aproveitamento dos atuais vendedores. O caro conterrâneo sabe como são as cousas no nosso Brasil! Não queremos que permaneça somente como um projeto. Necessitamos tornar o nosso caso conhecido pelos responsáveis pelos destinos da Nação, razão porque nós os vendedores de sêlos estamos encetando um movimento pacifico junto aos representantes do povo, nas duas câmaras, através da Imprensa e dos homens de boa vontade. Querendo me desobrigar da tarefa que me foi confiada, não trepidei em incluir o meu caro conterrâneo, meu conhecido desde menino, na lista das pessoas que considero capazes de nos ser úteis no nosso empreendimento, como um dos novos valores do jornalismo, escrevendo qualquer cousa do assunto explanado, na Imprensa da Capital do País, que de certo será mais uma alavanca a impulsionar o nosso movimento. Feito isso, é possivel que obtenhamos, sem muito custo, o que nós pleiteamos".

Está portanto, lançaado o apêlo, através desta modesta coluna, oxálá, seja lido pelos ilustres parlamentares de nossas duas câmaras, de cuja justiça e concurso, depende o triunfo da causa de um grupo laborioso e desamparado pela contingência de um flagrante descaso social.



CONDUÇÃO DIFICIL

GETULIO — Hei! Tem um lugar aí nessa barca?
GARCEZ — Não! Está lotada.

ESTAMOS cansados de ler e ouvir informes sôbre criação de comissões para estudos seja lá do que fôr. Formada a comissão depois ninguém tem mais notícia do que aconteceu. E como facilmente esquecer as coisas mais sérias, as comissões se dissolvem no espaço tal qual um avião a jato...

Agora mesmo estamos lendo o caso importantíssimo da nomeação duma comissão para tratar do petróleo. As discussões no Parlamento, nos jornais e revistas, nos rádios foram as mais acaloradas. Para uma opinião menos nacionalista vinha um exército de nativos para tudo pulverizar, porque o petróleo era nosso, estava debaixo da terra que era nossa e nenhum estrangeiro teria a petulância de se inserir onde só o autoctone pode meter o nariz. Pois fiquem sabendo que a comissão agora constituida é para explorar o petróleo em terras estrangeiras. Solo boliviano. Petróleo boliviano.. Mas a lei discutida e aprovada sôbre a *Petrobrás* não fala precisamente no cidadão brasileiro e que se fôr casado com estrangeira não tem mais a cidadania para tratar do assunto, como vamos nos associarmos com bolivianos e ir para terras alheias?

E êsses casos de nacionalistas em que ficamos sem saber que fim levaram as comissões nomeadas para tão altos estudos e de fundo estritamente nacionalista vão fazer precisamente o contrário do que até agora estipulamos?



E X T I R P A Ç Ã O

GETULIO — Afinal onde é que eu estou no seu esquema, seu ETELVINO?!
ETELVINO — V. Excia. está sobrando...

PETRÓLEO...

Vamos deixar de lado essa coisa tremenda que se chama transporte. Passem uma vista pelo nosso imenso território para saber a dificuldade de comunicações e que forçosamente e para isso há também comissões nomeadas e em grandes estudos silenciosos e nada temos ainda resolvido, e nos debatemos em encruzilhadas melancólicas.

Quantos milhões de cruzeiros vamos aplicar em território boliviano para o trabalho completo de perfuração, pois as comissões nomeadas já concluiram o estudo de que o vizinho nos cederá o terreno e nós entraremos com o dinheiro...

Depois dividiremos o produto...

Mas a Bolívia não faz divisas com o Brasil? Essa divisa que é a fronteira é uma linha imaginária, pois o terreno é o mesmo alí naquela região da América do Sul. Então por que só do lado de lá existe petróleo?

A comissão que foi nomeada e estudou isso, será que descobriu que a linha da fronteira modifica a conformação do terreno? E vamos deixar de lado a conformação do terreno, as comissões nomeadas, as leis feitas pelas Casas do Congresso para só pensarmos num mínimo detalhe: qual é o Govêrno que está dirigindo a Bolívia? Não é lá que, de vez em quando, aos sábados, se realiza um movimento armado, em que o presidente e ministros são trocados com rápida facilidade? Será que o atual govêrno boliviano é nacionalista a ponto de deixar o capital estrangeiro da grande potência sul-americana, cá do lado do Atlântico, ir com capitais imperialistas enfiar sonda para retirar o petróleo que êles também hão de berrar pelos jornais, microfones, e estampar nas paredes: o petróleo é nosso! E se por uma reviravolta cair êsse mesmo govêrno e o seu substituto o considerar vendido aos *trusts* internacionais e isso precisamente quando nosso dinheirinho já estiver lá empenhado em sondas e trabalhos caríssimos de perfuração?

Não seria bem nomeada uma comissão para mandar estudar o ambiente político do nosso vizinho para saber até quando durará os nossos atuais aliados, que querem o nosso dinheiro para um convênio internacional de matéria prima?

Quosque tandem...

SEBASTOPOL



S I N U C A

ADEMAR — Para me candidatar ao govêrno de S. Paulo, tenho que me aliar a outro partido e entregar-lhe a vice governança. Se o faço, não poderei ser candidato a presidência entregando o govêrno a um Novelli Junior qualquer...



BELTRÃO — De uns tempos para cá, a Leopoldina anda funcionando com um novo gaz!
AFONSO ARINOS — Gaz na Leopoldina?
BELTRÃO — Sim, o Gaz-hypo!

A POLÍTICA NA TROÇA E NO TRAÇO

BONECOS DE EDÉSIO ESTEVES



ELA — Você não me merece confiança. Fique em casa!



O TOMBO

ADEMAR — Puxa! Com isso é que nós não contavamos.



— GETULIO — Barnabé! Você tem razão. O leite aumentou. Mas e o abonozinho de Natal não vale nada?

O Malho

HÁ MEIO SÉCULO

Seleção de FRAGUSTO

O poeta Júlio Prestes

NA sua edição de 21 de novembro de 1903, divulgava o *Malho* a noticia do aparecimento de um poema de Júlio Prestes intitulado *Venâncio Aires*, dedicado à memória dêsse grande republicano e abolicionista.

Manifestando-se sôbre a composição poética do jovem paulista que viria a ser, em 1926, Presidente de seu Estado e, em 1930, Presidente eleito da República, a revista, tolerante, afirmava que a obra devia envaidecer o autor e que em cada verso, estuava o entusiasmo de um coração ardente pelo saudoso homem público.

E citava, entre oito versos, estes quatro:

Como Cristo êle teve a cruz dos sacrifícios,
Um cálice de amargura e uns prantos de mu-
[lher;
Hoje tem um altar nos peitos dos patrícios
E há de viver enquanto esta terra viver.

* * *

O "Esfolado" e a Boriska

EM fins de novembro a companhia do popularissimo Brandão estreiava no Apolo a anunciada revista do ano, *O Esfolado*, de Raul Pederneiras e Vicente Reis, revista que inspirou a Artur Azevedo a famosa quadrinha:

Esta revista certamente
Triunfará de Norte a Sul
Tem quase nada do Vicente,
Tem quase tudo do Raul.

Comentando a peça, o crítico teatral de *o Malho* dizia: "Não é livre; não ofende; é ligeira, tem graça e faz rir; é tudo isso nestes tristes tempos do Acre, de calôr, de renúncias, de falta dágua e de falta de dinheiro, e com a sua pilhéria ingênua espanca esta atmosfera carregada de sensaboria e de 35 gráus em que nos diluimos e nos derretemos..."

Mas o verdadeiro chamariz da revista de Raul e Vicente era, sem dúvida, a perturbadora, e imensa Snra. Boriska "que valia por um imam no seu poder atrativo..."

E acressentava o crítico: "A bela polaca, ou húngara, ou que lá é, com aquele seu palmo de cara que é um primor, e com aquele seu corpo escultural, que é todo um encanto, só ela basta para movimentar o Zé Povinho..."

Não durou muito na companhia a aplaudida e brejeirissima Moriska. Vinte dias apenas, ou pouco mais. Foi substituida pela Snra. Cecilia Pôrto que, por seu turno, pouco tempo depois, deixou o papel para a Snra. Maria Lino.

Nenhuma das duas, porém, e muito menos a última, conseguiu fazer com que o público esquecesse a bem dotada polaca...



Raul Pederneiras e Vicente Reis os autores da revista do ano, O Esfolado, *estreada no Apolo a 20 de Novembro de 1903.*

O Tratado do Acre

NAS edições de *O Malho*, dos últimos meses de 1903, vê-se muito bem refletido o interesse com que a opinião pública acompanhava as negociações que o Barão do Rio Branco vinha mantendo com o govêrno da Bolivia, para a conclusão do Tratado, chamado depois de Petrópolis, que assinado a 17 de novembro daquele ano, viria dar solução a antigo e complexo litígio de fronteira entre os dois países.

Naturalmente por ter sido mantido, de início em sigilo, o teor do Tratado em discussão, a imprensa não o aplaudiu desde logo, fazendo, pelo contrário, severas restrições ao Barão.

Em *O Malho* de 28 de novembro há, por exemplo, estas irônicas referências ao Tratado:

"Está afinal concluido o Tratado do Acre, e ao que parece, a contento de todos. O que se sabe a tal respeito é apenas que além de um bandão de dinheiro, de uma estrada de ferro e de uma porção de território em Mato Grosso, também pelo Tratado se dará à Bolivia um trecho de terras do Amazonas..."

E um mês depois, nada ainda de positivo divulgado sôbre o Tratado, conjecturava *O Malho* no tom trocadilhesco da moda:

"O negócio do Acre, segundo nos informam, liquida-se nêstes 30 dias próximos, e a cousa resumir-se-á numa troca de terras. Estamos *aterrados*, não há duvida nenhuma. E, dos males o menor, antes aterrados do que *enterrados* ou *só terrados*..."

Mas, publicado o texto do convênio, quando o mesmo foi dado à discussão na Camara, logo *O Malho* proclamou:

"Convém deixar aqui assinalada a impressão favorável conquistada pela leitura dêste documento e da brilhante, clara e nitida exposição de motivos que o acompanha. Efetivamente o Sr. Barão do Rio Branco conseguiu demonstrar que não mais poderiam obter a sua perspicácia, o seu sabor, a sua habilidade e o seu patriotismo."



Charge *de Calixto e Raul alusiva ao Tratado do Acre e estampada na página de abertura de O malho de 26 de dezembro de 1903. A legenda dizia: — "Cuidado, barão ! Com esta bomba nem S. Pedro com seus tiros o salvará." À época, é interenante assinalar, ainda estava mantido em segredo o texto do Tratado.*

Alguns livros do tempo

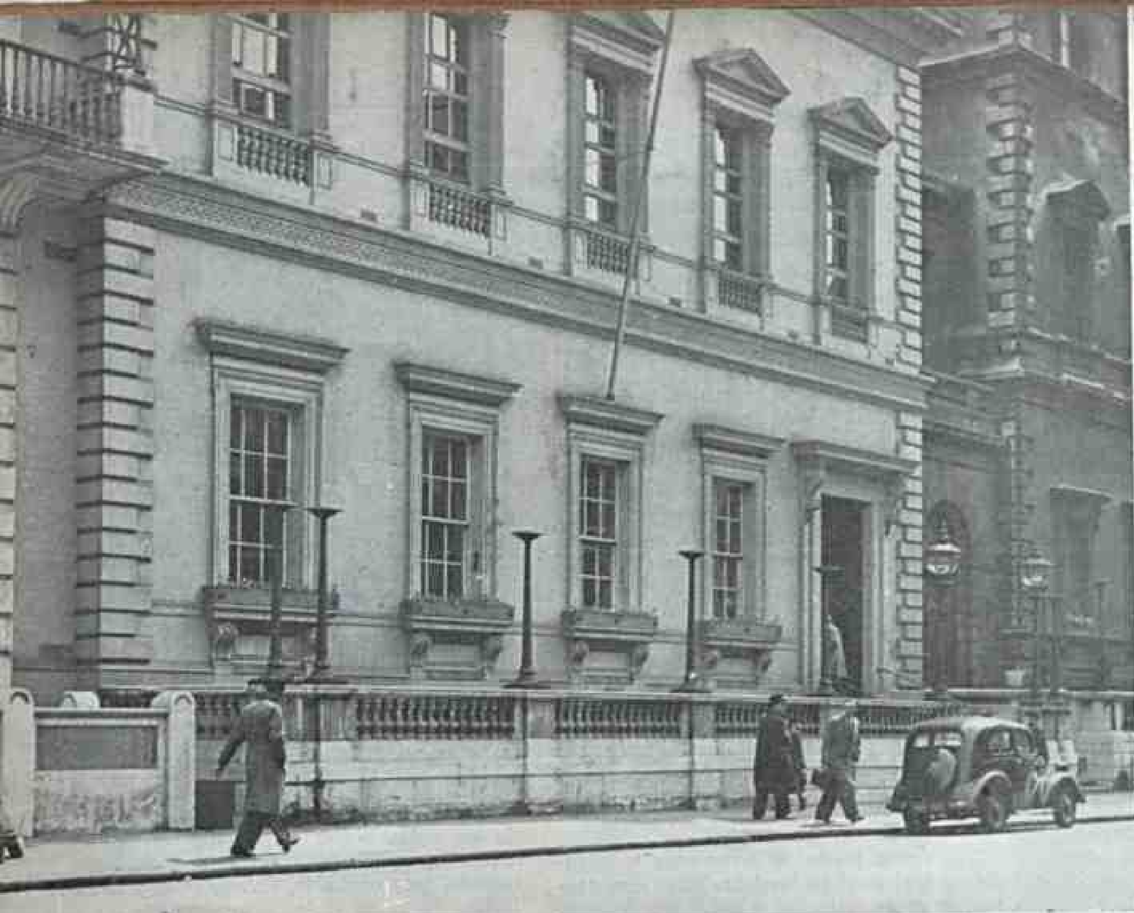
NO número 63, de 28 de novembro de 1903, registra *O Malho* o aparecimento de livros de poesias de Saturnino de Meireles, Faria Neves Sobrinho e Gonçalo Jacome e de um livro de critica do nosso ainda atualissimo Raul de Azevedo.

E o fez nestes termos:

"Tens sôbre a mesa:

"*Astros Mortos*, coletânea de versos do Sr. Saturnino de Meireles; "*Homens e livros*, livro de crítica do Sr. Raul de Azevedo, o autor do romance *O Dr. Renato*, que que tanto se falou há pouco; "*Estatuária*, poema do olhar, versos de Faria Neves Sobrinho, da Academia Pernambucana de Letras;

"*Felix Culpa*, coleção de versos nefelibatas do Sr. Gonçalo Jacome, obras de que naturalmente ainda aqui se falará com mais vagar, como merecem e como é do nosso dever fazê-lo."



O "Traveller's Club" em Pall Mall, — Londres

O SONHO DE CADA INGLÊS

Dois clubes existem em Londres, que constituem o sonho de cada inglês: o Carlton e o Atheneum.

Em seu interior, de estilo tradicional, reunem o que a Inglaterra possui de mais famoso entre os "lords", pares do Reino e famílias influentes.

Perguntaram um dia a um politico inglês porque frequentava diáriamente o seu clube e permanecia tôda a noite fumando cachimbo e lendo jornais e revistas.

Ele respondeu:

— E' o único lugar em que posso gozar de silencio absoluto, concentrando-me em meu trabalho, e preparar o discurso que devo pronunciar no dia seguinte.

Em minha casa seria dificil obter esse ambiente. Nosso apartamento é muito pequeno e, graças a Deus, temos quatro filho. Eles têm seus direitos, de que aproveitam fazendo barulho até tarde da noite. Nessas

QUANTO MAIS EXCLUSIVO

Quando se ouve a palavra clube, logo vem à idéia as salas repletas de poltronas, nas quais se acham sentados senhores de certa idade, lendo jornais ou livros, com um copo de tradicional "wiscky" na mesinha ao lado, um cachimbo ou charuto fumegando ao canto da boca, e o silencio reinando no ambiente.

Essa idéia, provavelmente, foi propagada pelos romances ou filmes, mas é uma idéia em parte erronea. Naturalmente, nos clubes — instituição tipicamente inglesa — há poltronas e sofás confortáveis, há homens de idade, mas há também jovens, bebe-se "wiscky", gin ou outras bebidas; mas também se bebe chá e café.

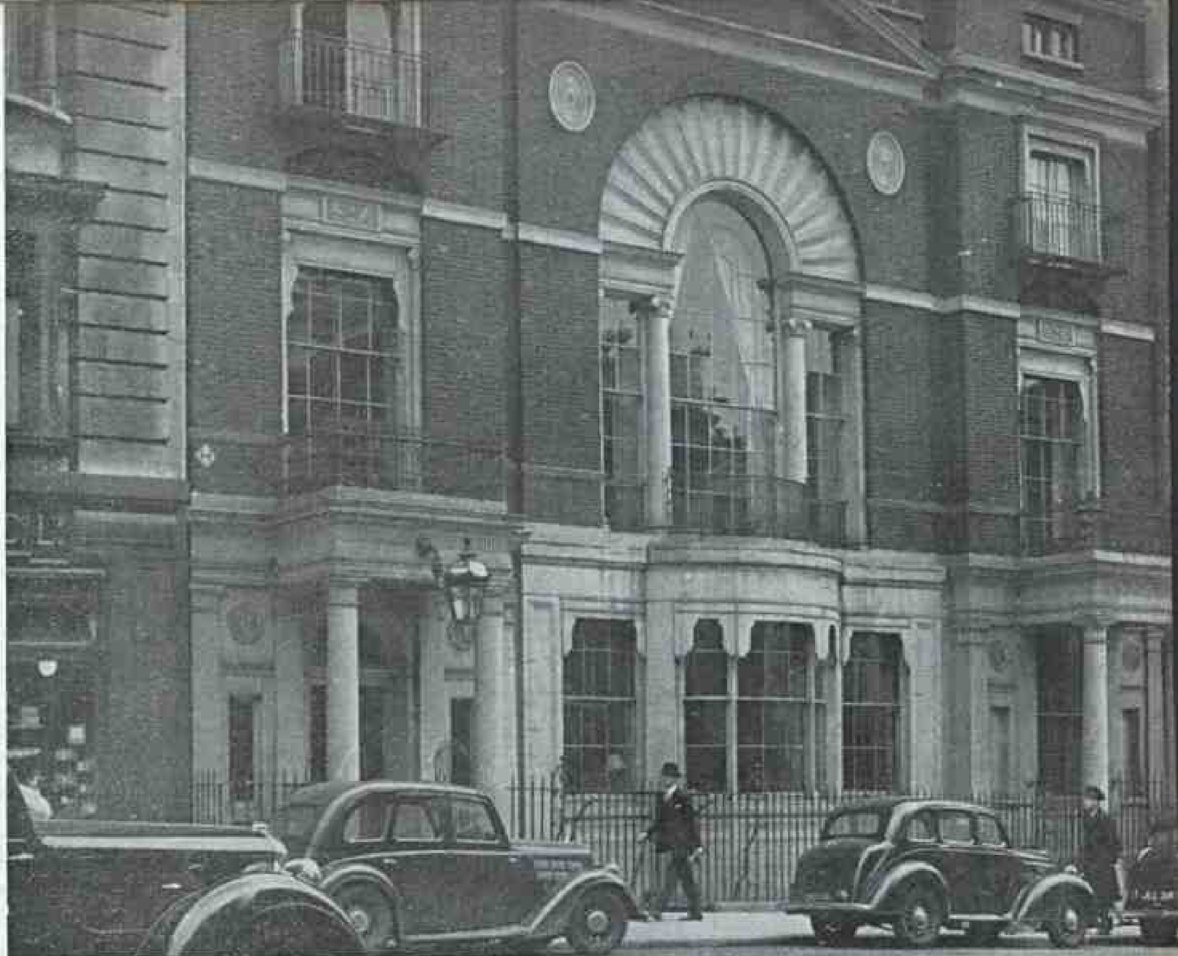
Nasceu a idéia de clube da necessidade de se estabelecer um local onde numerosas pessoas se pudessem encontrar para passar o tempo, ou para tratar de assuntos de negócios; o principio de exclusividade e da limitação do numero de membros proveio da necessidade de reunir indivíduos da mesma profissão, dos mesmos interesses, ou da mesma classe social. Cada membro do clube deve sentir-se à vontade, como se estivesse em sua própria casa. E' pràticamente um prolongamento do lar. Muitas vezes um homem mora longe do centro da cidade, ou não possui uma casa suficientemente grande para receber seus amigos, ou não quer falar de negócios em casa. Essa é a finalidade do clube: completar a vida do "gentleman" em ambiente que lhe satisfaz, com todo o conforto.

Dificilmente se encontra um inglês com boa situação e que não pertença a algum clube; isso facilita encontrar seus amigos pelo telefone ou pessoalmente, desde que se saiba a que clube pertença.

Na Inglaterra os clubes são numerosos, e entre estes podem-se distinguir os clubes muito exclusivos, destinados a reunir os representantes da aristocracia ou das esferas ricas ou politicas.

O famoso "Carlton Club", em Ste. James Street, em Londres.





"Boodles's Club", em Ste. James Street, — Londres.

condições, é muito difícil trabalhar ou pensar; o clube nos dá essas condições ideais para o trabalho e a meditação.

E' nos clubes que nascem os grandes negocios e surgem as grandes idéias: ali se realizam conferências entre três ou quatro pessoas sôbre assuntos politicos economicos, artisticos ou cientificos, de acôrdo com a natureza do clube

O CLUBE MELHOR A REPUTAÇÃO DOS SOCIOS

Dois clubes existem em Londres que constituem o sonho de cada inglês: o Carlton e o Atheneum — Ser membro de um clube é na Inglaterra a referência mais segura para os negócios — Até os párias têm lá um clube exclusivo...

e de seus socios. Fala-se, porém, sempre em voz baixa, para não interromper o "dolce far niente" dos demais sócios.

ESPECIE DE CARTÃO DE VISITAS

Ser membro de um clube já dá uma reputação social, a qual cresce de importancia à medida que o clube é mais exclusivo.

E' uma espécie de cartão de visitas, e uma referência das mais seguras para negócios.

Assim, um inglês sente-se perfeitamente senhor de si quando, ao comprar uma joia cara, diz ao joalheiro: mande em meu nome e ao meu clube.

Imediatamente, pode-se notar na fisionomia do interlocutor uma mudança: logo aparece um sorriso de confiança.

O CLUBE DOS PARIAS

Além desses clubes exclusivos, existe em Londres um clube de que se passa pode ser socio sob uma condição: não ter dinheiro, nem amigos, nem situação.

Chama-se "Hungerford" e foi fundado em 1940 por um grupo de assistentes sociais.

Começaram por reunir pessoas desabrigadas que passavam as noites às margens do Tamisa ou sob as pontes.

Esses individuos foram dirigidos para a casa n. 166 de Hungerford bridge, a cuja entrada se achava um

(Continua na página 42)



O "Reform Club", em Pall Mall, onde se encontra a maioria dos clubes de Londres.



Gonçalves Dias

Seus olhos não negros, tão belos, tão puros,
de vivo luzir,
estrêlas incertas que as águas dormentes
do mar vão ferir.

Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
de vivo fulgor;
seus olhos que exprimem tão doce hormonia,
com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
assim é que são;
eu amo êsses olhos que falam de amores
com tanta paixão.

E amaram-se, e muito! Ele, com o ardor do homem que encontra, enfim, a mulher que lhe marcou o destino; ela, com a candura e a firmeza de um amor que não conhece limites.

E teria sido tudo belo, se Dona Lourença, mãe de Ana Amélia, não se opuzesse. Casar a filha com um mestiço? O filho de uma negra?... nunca!

E proíbio o namoro. E prendeu quase que a filha em casa, fazendo-a vigiar, e vigiando-a também.

A doce Ana Amélia, a linda criança que já conhecia as agruras de um amor impossível, foi guardando nalma, escondendo-o de todos, êsse inefável sentimento, ciosa e quase feliz por sofrer pelo Dias, o seu grande poeta.

REVIVIDA EM SÃO LOURENÇO, A DOCE MUSA DE GONÇALVES DIAS

• LEONOR POSADA

Salão acolhedor do "Ponto-Chic-Hotel". Fora a bruma envolvia o parque e como que descia para acôrmecer as águas mansas do rio S. Lourenço. Dentro, a tepidez confortadora dos bons ambientes.

Num lado, os homens jogavam para matar o tempo, visto não lhes haverem despertado interêsse os filmes dos cinemas do lugar. No outro as senhoras. Palestravam. A princípio, e como de praxe, nos primeiros encontros, o mesmo assunto: as estações de águas, eficácia desta ou daquela, os hotéis... Enfim, conversas próprias de aquáticos... Súbito, uma voz de timbre agradebilíssimo, perguntou a alguém:

— Gosta de versos? De Gonçalves Dias?

Ao ouvir pronunciado o nome de tão grande poeta brasileiro as damas silenciaram e olharam a interlocutora.

Era Dona Cotinha, ou melhor, Dona Maria Luísa Leal Gesta, descendente da brilhante família Carvalho Leal, de Manaus, e hoje, por casamento, esteio valioso dos Gesta, da mesma bela cidade amazonense.

Vendo-se alvo de olhares de simpatia, Dona Cotinha explicou:

— Minha madrinha, Ana Amélia do Vale, foi o grande sonho, o único e verdadeiro amor do nosso maior romântico.

A curiosidade dominou a assistência. E a evocação despertou a Musa. Ana Amélia era cunhada e prima de Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, avó da distinta senhora que prendia tôda a atenção feminina, no momento.

Protegera êle o poeta nas suas vicissitudes; animara-o. E vira com bons olhos, olhos de amigo e admirador, o afeto puro e imenso entre sua jovem cunhada e o já grande homem.

Era Ana Amélia, uma menina pálida, de negros olhos penserosos, olhos êsses que merceram de Gonçalves Dias, quando pela primeira vez os fitou, os lindos versos:

Um dia, um pedido de casamento. Um jovem, filho de portugueses, solicitava a mão da menina. Dona Lourença exultou. Ela, que negara ao poeta a filha em casamento, numa carta aspera e injusta, aceitava o pedido, agora cheia do maior entusiásmo. Ana Amélia teve que obedecer. E nesse dia, em casa de Carvalho Leal, desabafou:

— Casam-me com um branco... mas, nunca serei feliz!

E as lágrimas encheram aqueles lindos olhos negros,
tão belos, tão puros,
de vivo luzir,
olhos que o poeta inda não vira cheios de lágrimas amargas, chorando de desespêro...

Certa vez, na avenida das palmeiras, Ana Amélia sentou-se a conversar com uma amiga.

Que diria aquela jovem já tão ferida pela sorte?

Sem vê-las e sem ser visto, do outro lado, em um banco, o poeta lia... Lia ou cismava? Quem o sabe?

Mas, a voz amada chegou-lhe aos ouvidos. Aos ouvidos? Não! Ao coração, ao imo dalma. E êle, o grande sonhador-martir, travessou em lindos versos essa emoção de felicidade:

Ouvi-a! A sua voz me despertava
tudo quanto de bom conservo nalma.
Retratado pudor tinha no rosto,
e um suave dizer, um timbre doce

de voz, uma apiedade extreme e santa,
que as mais profundas chagas animava,
d'ambrosia e de mel lhe ungia os lábios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
mais expressiva que o cantar das aves!
A aragem qu'entre flores se desliza
e mal remexe a timida folhagem;
o veio de cristal que triste soa,
o saudoso arrulhar de mansas pombas;
as próprias notas dum cantar longinquo,
ou de instrumento a conversar co'a noite,
menos que sua voz impressionavam!

Menos que sua voz!...

Que refrigério não lhe fôra, mesmo de longe, fazendo-o vibrar de amor e de saudade a doçura daquela voz amada!...

E ela não foi feliz no casamento. Ciumento, brutal, o marido jamais lhe compreendeu a alma de arminho e de estesia. Ana Amélia era eximia pianista e êle tinha horror a música.

Certa vez, ao ter conhecimento pela esposa de que ela iria tocar num sarau, proibiu-lhe categoricamente. E a jovem espôsa para não acusá-lo, para não ficar humilhada ante os mais, feriu os próprios dedos com uma faca, com

Enquanto isso, ela e o poeta, embora separados, em-
o que alegou ser-lhe impossivel tocar.
bora os propalados amores do insconstante, como o chamavam, e o seu casamento, continuava a amar-se, sem esperanças, num afeto que nem a morte o abalaria.

E o tempo foi passando, e sôbre êles a moléstia, a dor, a separação, a miséria...

Certa vez, em Portugal, para onde fôra com o marido, e onde enviuvára, sem recursos, encontrou-se com o amado. Esse encontro, não de desilusão, mas de desespero de tanto amor sufocado, o poeta soube dizê-lo, entre lágrimas:

Enfim te vejo! Enfim posso
curvado a teus pés dizer-te
que não cessei de querer-te
pesar de quanto sofri!
Muito pensei! Cruas ânsias
dos teus olhos afastado
houveram-me acabrunhado
a não lembrar-me de ti.

Dum mundo a outro impelido,
derramei ds meus lamentos,
nas surdas asas dos ventos,
do mar, na crepa cerviz.
Baldão, ludibrio da sorte
em terra extranha, entre gente
que alheios males não sente,
nem se condói do infeliz!

Nenhuma voz me diriges!
Julgas-te, acaso, ofendida?
Deste-me amor e a vida
que ma darias, bem sei!
Mas, lembrem-te aqueles feros
corações que se meteram
entre nós, e se venceram
mal sabes quanto lutei!

Oh! se lutei!... Mas devera
expor-te em pública praça,
como um alvo à populaça,
um alvo aos ditérios seus?
Devera, podia, acaso,
tal sacrificio aceitar-te,
para, no cabo pagar-te
meus dias unindo aos teus?

E tôda a vida malbaratada de ambos exurgiu; todo o sofrimento sem valia, tôda a amargura sem remédio, em torrente, nos versos admiráveis, na necessidade imperiosa de um desafio, de uma queixa contra tanta fraqueza, tanta pusilanimidade...

E êle acabou, com a morte nalma:

Lerás, porém, algum dia,
meus versos dalma arrancados,
de amargo pranto banhados,
com sangue escritos; e então,
confio que te comovas,
que a minha dor te apiade,
que chores — não de saudade,
nem de amor — de compaixão!

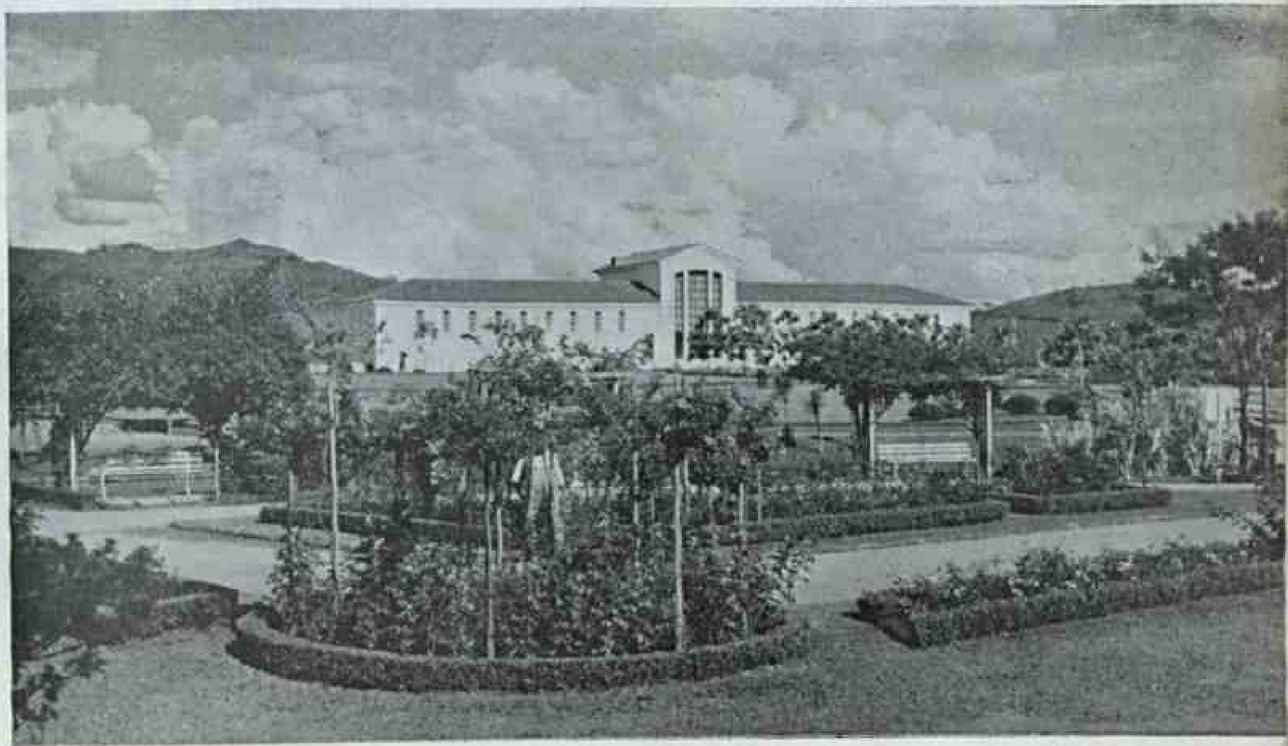
A injustiça de Gonçalves Dias feriu-a muito. Ana Amélia chorou sempre. Não de compaixão, na dolorosa ironia do seu amado, mas de amor, de saudade, de dor de si mesma por não ter sabido defender a sua felicidade.

Tôda a vez em que lhe falavam do poeta, amaravam-se os lindos olhos penserosos que, perdendo o brilho com a idade, nunca deixaram de chorar o ausente que foi tôda a sua vida, e de quem foi a musa inatingida e predileta, o poeta que as águas do mar levaram para que ninguém se lhe curvasse sôbre o túmulo querido...

E a voz doce de Dona Cotinha apagou-se... A figura linda de Ana Amélia foi-se esfumando, esfumando... A principio, a menina radiosa de beleza, de negros cabelos e lindos olhos penserosos... Depois, a suave matrona de bandós de azeviche e prata, olhar perdido em lágrimas amargas E o poeta também se perdeu no fumo da recordação, barba cerrada, olhos profundos e tristes... Tudo se foi diluindo, esfumando, apagando-se...

Só Dona Cotinha parecia viver. De seus negros olhos uma flama perdida, viva, na lembrança despertada. Ana Amélia, a madrinha que perdera aos dez anos de idade, a musa de Gonçalves Dias, vivera por instantes, na sua vocação, na sua palavra fluente e encantadora.

Uma noite inesquecivel!



Vista da primorosa São Lourenço.



Teleférico de Serre-Chevalier e estação intermediária.

O encantamento começa na aldeia de Chantemerle. Chega-se já em um quarto de hora de auto-ônibus, depois da estação de Briançon que fica a seis quilômetros. A estrada de Lautaret corta a aldeia em dois.

Só se vê a princípio um grande chalé de madeira: à sua porta param os automóveis e os ônibus, é o ponto de reunião de todos os esquiadores dos centros hoteleiros da visinhança: Saint Chaffrey, le Bez, Villeneuve-la-Salle, Monétier-les-Bains.

De Briançon chegam esquiadores e passeantes, e de Montgenêvre, alguns habitués.

Porque aí é uma estação, com seus bancos, seus cartazes, seu guichê, sua animação, e até suas filas.

Segurando os esquis com a mão esquerda, o viajante estende na mão direita o bilhete que lhe permite passar por uma borboleta mecânica e receber o "boa sorte" do amável fiscal.

E' imediatamente o deslumbramento da neve e do sol.

Vê-se ao longe, minúsculo, o carrinho vermelho do mais comprido teleférico da Europa (quase quatro quilômetros de percurso), deslizar sôbre seu enorme cabo e aproximar-se, aumentando pouco a pouco.

Quando os esquis já estão colocados do lado de fora e os esquiadores do lado de dentro do carrinho, todos se precipitam para as janelas para descobrir as admiráveis encostas do platô de Champcella que são cortadas pela linha das pistas.

Os cimos rendilhados das montanhas, as graciosas filas de árvores e alguns chalés, semi-enterrados sob a neve, são os únicos pontos da referência até a primeira plataforma.

Porque em Sarre-Ratier (1903m.) todo o mundo desce. E' a estação intermediária entre Chantemerle (1350m.) e o cimo.

O ambiente aí é febril e entusiasta.

Os esquiadores apressam-se em encostar seus esquis nos recantos apropriados ao longo do muro, percorrendo com os olhos um quadro rico de côres onde estão enumeradas as pistas, seus nomes, o estado da neve "croutée", "poudreuse" e a dificuldade de cada intinerário: "rápido", "muito difícil", "para todos".

Alguns esquiadores aproveitam a espera, aliás breve, para preparar seus esquis: outros galgam o terraço para respirar o ar puro e vivo da montanha.

Mas dentro em pouco um alto-falante chama os números e o segundo carrinho transporta ao cimo esquiadores e passeantes.

Serre Chevalier —2438 ms. — é a montanha que deu seu nome ao teleférico, às pistas e à estação.

Um quadro de orientação situado no cume, permite identificar identificar os elementos do panorama fée-

O carro em pleno funcionamento, vendo-se em baixo, o pitoresco casario.





Outro magnífico aspecto de Serre-Chevalier.

SERRE CHEVALIER

As mais belas pistas dos Altos Alpes

rico que se estende sob nossos olhos. Pode-se reconhecer o Rochedo Bouchard, os Bois Vermelhos e o cimo de Eychauda a oeste, ao sul o Pico de Montbrizon (2825 m) e o Poivoux, Barre des Ecrins e o Dôme du Monétier ao norte. E' a distração dos visitantes. Os esquiadores, por sua vez, sem perder um minuto, ajustam seus óculos e seus capuchos e se põem em posição de descida.

Depois de uma partida inebriante e bastante íngreme, sob um sol que dá a neve reflexos maravilhosos, pode-se escolher entre diversas pistas: a "Amarela", difícil, atinge diretamente a Bez, assim como a pista do "Mal Partido".

A "Vermelha" desce até Chantemerle por uma ladeira rápida que faz a alegria dos bons esquiadores.

Três Cruzes, marcada por balisas verdes, que se encontram e são accessíveis a qualquer esquiador.

Duas pistas para esquiadores menos experimentados ligam Ratier a Chantemerle.

Em Serre-Ratier, o terraço ensolarado provido de mesas e cadeiras vermelhas, bebidas frescas, reconfortantes, espera pelos esquiadores, êles chegaram e se abancam diante do local de suas proezas, enquanto que os monitores da Escola Francesa de Esqui dão a seus alunos alguns conselhos sôbre o método.

Escandinavos, austriácos, suiços, e jovens ingleses trocam impressões.

Menos esportivas, porém mais elegantes, algumas senhoras em roupas de banho de sol, bronzeam seus corpos oleosos, cuidadosamente, aos raios de um sol já provençal.

Dois tranmpolins de Salto, um sobe-ladeiras mecânico em Serre-Ratier, completam o equipamento dessa estação de esqui.

O chalé-refúgio à chegada do teleférico, no cimo do Serre-Chavalier é um abrigo para os que desejam passar a noite nas alturas.

Pela manhã, o nascer do sol iluminando essa imensa paisagem nacarada, acorda os esquiadores adormecidos.

Cabe a êles a alegria de deslisar, solitários, pelas pistas cobertas de neve fresca até Cantemerle.

Qualidade habitual da neve, a variedade das pistas, num comprimental de 2880 m. com um desnivel de 1123 m. entre Serre Chevalier e Chantemerle, estão ao alcance de todos, fazem de Serre Chevalier e Chantemerle, o lugar ideal para os esquiadores e para os amantes da montanha e de ar puro.



Quadros de sinalização das pistas.

De mês a mês



Pela sua volta ao Banco do Brasil, foi homenageado o sr. Marcos de Souza Dantas.

A Beneficência Portuguêsa inaugurou o seu Banco de Sangue, que obedece à direção do dr. Osvaldo Gela Peira.

Recebido com júbilo o aparecimento de "Falange Gloriosa", de Godofredo Rangel.

A Academia Brasileira de Medicina Militar conferiu a láurea "Osvaldo Pasqualin" ao dr. Roberto Pasqualini e à dra. Riva Moscovici.

Tomou posse do cargo de Delegado Regional do IAPC, no Distrito Federal, o sr. Luís José Batista Guimarães.

Com brilhante solenidade, sob a presidência do ministro Ivan Lins, o engenheiro L. Hildebrando Horta Barbosa concluiu o magnífico e aplaudido curso de Filosofia e História das Ciências que realizou no auditório da Fundação Getúlio Vargas.

Promovido ao cargo de titular da 13.ª Vara Criminal o juiz Olavo Tostes Filho.

Continua o Leblon a quase não poder dormir — pois os grupos de desocupados e jovens "espirituosos" bebem, brigam e berram a noite inteira, sem que apareça um guarda siquer...

Eleito para o Conselho diretor do International Institute for the Comparative Study of Eating and Drinking Habits o professor Décio Parreiras.

Diretor do Instituto Agronômico do Norte o agronômo cafeicultor Walter Machado de Miranda.

Tem despertado o maior interêsse o trabalho de José Reis intitulado "Por que morrem os pintos?"

O dr. Edgard da Costa Filho é o novo tabelião do 7.º Ofício de Notas.

Decorreram em ambiente de exaltação patriótica as solenidades de Semana da Marinha.

Em Copacabana, a 1.ª Exposição de Indústrias Artísticas e de Artesanato Espanhol coroou-se de enorme sucesso.

Muito expressiva a festa de encerramento do ano letivo do Colégio Mallet Soares, uma das mais nobres expressões da pedagogia de nosso país.

De inteira justiça o ato que conferiu, ao jornalista André Romero, a medalha do Mérito Naval, no grau de oficial.

Cada vez pior o tráfego no Rio de Janeiro. Em certas horas, então, atravessar ruas é meio suicídio...

Água — problema eterno, que ainda uma vez comprova a incapacidade total do sr. Fiuza...

"Volta a Matusalém", de Bernard Shaw, agora apresentado em língua portuguêsa, vem revolucionando os meios ledores.

De acentuado caráter de utilidade coletiva a administração do dr. Otacílio Leal de Morais como Prefeito de Paraíba do Sul.

Concluídas as obras da parte final do novo e excelente edifício da tradicional Casa Sloper, na rua Uruguaiana.

Alcançou as melhores notas, em concurso para a conquista do título de docente livre de Conjunto da Câmara da Escola Nacional de Música, o jovem José Jakubovicz.

Diretor do Departamento de Assistência Médica do Instituto dos Industriários, o dr. Armando Amaral está com admirável plano hospitalar para a citada entidade.

"A aldeia sagrada", de Francisco Marins, continúa obtendo louvores da crítica nacional.

O dr. Carlos Pacheco Fernandes, que até há pouco tempo exercia importantes funções no Grupo Light, empossou-se no cargo de diretor do acatado Banco Lowndes S. A.

Pela sua recente promoção, foi alvo de expressiva homenagem o general Raimundo Saldanha de Menezes.

Conduzida ao antigo local (Igrejinha), junto ao Quartel General de Artilharia de Costa da 1.ª Região Militar, a imagem de Nossa Senhora de Copacabana — que se achava na Cruz dos Militares.

Encerrado o ano letivo, de forma vibrante, do Instituto Brasil-Estados Unidos. É seu presidente o sr. José Sales de Oliveira Coutinho.

A Sra. Darcy Vargas presidiu, em Belo Horizonte, à inauguração do Pôsto de Puericultura "Sara Kubitschek", da Legião Brasileira de Assistência.

O eminente Govêrno de Portugal distinguiu o presidente da Panair do Brasil — dr. Paulo Sampaio — com a condecoração da Ordem de Cristo, mercê do magnífico trabalho de aproximação luso-brasileira que SS. tem efetuado à frente da nossa mais importante emprêsa aeronáutica.

O capitão de mar e guerra Alberto Carvalho é o novo comandante do cruzador "Tamandaré".

No Departamento de Administração do Ministério da Justiça (rua Evaristo da Veiga) instalar-se-á um berçário para os filhos das funcionárias.

Comemorado mais um aniversário de formatura da turma dos aspirantes de 1918, do qual fazia parte o brigadeiro Eduardo Gomes.

Muito elucidativo o volume de Jeanne Bendick, "História dos pesos e das medidas."

Agraciado com a Ordem do Mérito Naval o desembargador Milton Barcelos, Presidente da 1.ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça.

Celebrando as atividades de vários funcionários, a Companhia Antártica Paulista levou a efeito bela festa de confraternização.

De grande projeção econômica, estética e social as realizações imobiliárias de Carlos MacDowell da Costa.

Recebeu a Grã-Cruz de Cavalheiro da Legião de Honra (França) o prof. Cláudio Goulart de Andrade.

Fez sucesso, nas Ondas Musicais, a apreciada cantora Nilza Maria Drumond.

Já está em todas as livrarias do Brasil o "Castro Alves", de nosso companheiro João Guimarães, volume pertencente à vitoriosa coleção "Grandes vultos das letras."

Existe a linha de lotações "Barão de Drumod-Leblon", que passa pelo Estádio Municipal. Entretanto, nos dias de jogo no colosso do Maracanã, os motoristas daqueles lotações mudam a tabuleta para "Leblon-E. de Ferro", e daí então seguem para Vila Izabel — pois não admitem que um passageiro da zona sul aproveite a vantagem de ir, por 4 cruzeiros, até o Estádio. E que faz a Inspetoria? !

Como está cada vez mais rasteiro o cinema nacional! "Progredindo" assim, acaba numa sarjeta...

Distinguido o marechal Mascarenhas de Morais com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Naval.

No quilômetro 47 da antiga Rio-S. Paulo, em Itaguai, fundou-se outro Aero Clube — presidente, dr. Guilherme S. Gomes Jr.; vice, Moacir Veloso.

Diretor de Documentação do Dasp o sr. Espírito Santo Mesquita.

Esteve no Rio, precipitadamente, o grande ás ianque de aviação, Charles Lindbergh.

Mais dois departamentos tem a Casa Rádio Rama Ltda.: ótica e fotografia. Casa bem dirigida pelo sr. Raimundo Maia.

Homenageado o almirante Renato de Almeida Guillobel, muito ilustre Ministro da Marinha.

Destacados os méritos do sr. Jerônimo Pinheiro de Castilho, antigo funcionário da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro.

Oferecido um banquete ao sr. Bernardino Correia, presidente do Conselho de Administração da Cia. Colonial de Navegação, armadora dos esplêndidos navios "Vera Cruz" e "Santa Maria". O ágape foi promovido pela Federação das Associações Portuguêsas e pela Câmara Portuguesa do Comércio e Indústria do Rio de Janeiro.

Bom, o Mercado Nossa Senhora de Fátima na Gávea.

Na Ordem Nacional do Mérito (Grã-Cruz) o ministro Edgard Costa.

Medalha de honra ao mérito, distinção, 1.ª classe, o enfermeiro-chefe do Pronto Socorro, Antônio Sousa Varejão.

AVE MUTILADA

PAULO ARAGÃO

O artista, geralmente, impregna-se tanto do espírito da obra criada, que se estatela, sob o próprio êxtase, numa despersonalização difícil de ser explicada, personalizando assim o devaneio da imaginação fecunda. Vive, intensamente, o íntimo das entidades que plasma, sentindo-lhes as emoções.

É impressionante a sensibilidade do artista, sensibilidade essa que êle reflete, inadvertidamente, no gesto, na palavra ou na ação, como se uma simples fantasia tomasse as proporções e a estrutura de uma indiscutível verdade.

Na ânsia da perfeição, o esteta sofre a tortura do inatingível, que é a perfeição mesma. A Beleza é um sôpro divino e o homem, mesmo que seja um inspirado, é sempre um condicionado à matéria. Para compreendê-la êle sofre a mutação do objetivo em subjetivo.

Foi por isso que Raul Machado, o mago filigranista de "Água de Castália", afirmou, audaciosamente, em esplêndido verso, isto :



Tipo da casa de fazenda, no Ceará

"A dor do artista é como a dor do parto,
"assim terrível, mas assim fecunda",

capaz de escandalizar a qualquer passadista de cimento armado e de desnortear a qualquer modernista artificioso e chulero.

Quando Demócrito Rocha deu a última demão na paisagem escrita, o poema "Rio Jaguaribe" estava integralmente dominado pelo espírito do que escrevera — a sêca. A tortura cearense em tempo de sêca. O sol abrasador, como um látego de fogo, lanhando a face nua da terra. Árvores sem fôlhas e sem flores, lacrimejando pelo tronco adusto os filetes pastosos da resina. Animais de olhos brilhantes e esqueleto à mostra, vagabundando pelos taboleiros estorricados, à procura de uma gôta de orvalho para umedecer a língua desabada e murcha. Homens caídos, abraçando à esposa e aos filhos sôbre os seios ingratos dos caminhos agrestes, à espera, não mais da gôta redentora, mas da morte que pusesse termo à sua angústia. O céu alto e azul escondendo, ávaro, a nuvem púbere e farta, de onde promana a chuva que dessedenta. O rio Jaguaribe, de ventre alvo, de areia fina e quente, abrindo, num estertor de moribundo, as longas fraucES de seu leito, para receber a bênção de um orvalho que não vem.

A alma do Ceará, "resistindo e morrendo... morrendo e resistindo". Tântalo redivivo, insistindo por lamber a água que não vê, a água que não vem, a água que se escondeu nas profundezas telúricas da terra morta e nos recônditos abissais do céu vazio.

Em conseqüência do seu estado de alma, Demócrito estava sedento, como o ambiente que descrevera em versos peregrinos.

E a êsse tempo, fazia calor, de verdade, em Fortaleza, calor genuinamente carioca, dêsse que penetra gente a dentro, queimando o estômago e torrando os bofes.

O saudoso beletrista cearense carecia de um refrigerante "para a secura da alma e a secura dos lábios", como dissera Ernani Vieira, em versos igualmente belos e igualmente torturados.

Dessa maneira, entrou no Bar-Majestic, em Fortaleza, que a essa hora cálida, fervilhava de fregueses, e o João, popularíssimo e tradicional "seu João do Majestic", desdobrava-se, suarento, numa lufa-lufa, num corre-corre, atendendo, prestimoso e gentil, àquela gente tôda.

Deliciosas avoantes, passadas em manteiga, louras e tentadoras, eram o "tira-gôsto" servido naquêle dia.

João, azafamado, esquecera a última travessa de aves sôbre o tampo do balcão, esquecimento êsse que facilitou a clientes já esquentados e impacientes avançarem no tira-gôsto, restando, como remanescente aquela apropriação indébita, apenas uma vontade e essa mesma sem os cotos des pernas e sem as asas.



A choupana do sertanejo cearense, onde o homem, de fato, vive morrendo, numa comovedora e estoica prova de resistência.

Quando o fundador do popular vespertino "O POVO" amesendou-se numa das raras banquetas de mármore que estavam desocupadas, pediu ao garçon :

— Uma cerveja bem gelada e um tira-gôsto daquêles.

Veio logo, a cerveja, mas a travessa servida só continha a última pomba, da qual só restava o corpo.

O poeta estranhou aquilo e indagou ao João :

— Que é isso ?

Seu João foi pessoa que jamais descontentou a um freguês, nem tão pouco colocou a casa onde trabalhava em posição esquerda. Para todos os casos êle tinha uma solução plausivel e para todas as perguntas uma resposta adequada e pronta.

— Foi obra do caçador, seu doutor. Essas pombinhas vieram hoje de Irauçuba e estão gordinhas e fresquinhas...

— E que tem o caçador com as pernas e as asas da caça ? — insistiu ainda o brilhante polemista.

A essa altura, seu João garfeou a ave e mostrando-a ao jornalista concluiu :

— Olhe, seu doutor, que tiro "lascado" !



Vaqueiros nordestinos (Foto Aba-Film).



Este desenho de Fragusto, calcado em fotografias recentes, mostra em primeiro plano Cary Cooper, tal como aparece no seu último filme Blowing Wild, *no qual contracena com Ruth Roman. Ao fundo aparecem a eposa de Cooper — Sandra Shaw, sobrinha de Dolores del Rio e a filha do casal, de 15 anos.*

AS AVENTURAS OUTONAIS DE GARY COOPER

(Serviço AHEFE — Desenho de Fragusto)

APÓS dezoito anos de vida matrimonial perfeita com Sandra Shaw — a *Rocky* no tratamento carinhoso dos íntimos — Gary Cooper, há cêrca de dois anos deixou-se baquear, pela primeira vez, em face da juventude incandescente de Patrícia Neal, sua companheira de trabalho no filme *Fountainhead*.

O idílio do cinquentão e simpatíssimo *Coop* com a bela atriz, deu por terra com a legenda de marido fidelíssimo que êle, sem esfôrço e sem cálculo, grangeara e que os estúdios de Hollywood, sempre práticos e interesseiros, timbravam em manter a todo preço, aureolando o nome do grande ator, à guisa de chamariz complementar de bilheteria. E tal foi a pressão dos magnatas produtores, que a ardorosa Patrícia Neal não teve outra alternativa senão recalcar seus sentimentos amorosos, para não ver interrompida a promissora carreira artística, que já lhe estava assegurada. Embora pràticamente separado de sua afetuosa e tolerante *Rocky*, Gary Cooper assim não chegou a efetivar a idéia do divórcio que vinha alimentando desde que se apaixonara por Patrícia.

Um tanto amargurado com o afastamento da jovem estrêla e, ao mesmo tempo, desejoso de se ausentar do país por algum tempo para se exonerar em parte das pesadas e drásticas exigências do fisco americano, decidiu-se Gary Cooper a comparecer ao Festival de Cannes, a pretêxto de receber ali, das mãos de Olivia de Havilland, o *Oscar* que lhe coube pela interpretação magistral que deu ao seu papel num filme recentíssimo, *High Noon*.

Com o seu ar indiferente e bonachão, simples e rústico, muito sóbrio, quase tímido, o





alto, Gary Cooper no papel de Mulligan Talbet, um pobre pescador de os-, no filme *O Primeiro Beijo* exibido no Rio, nos fins de 1928. Com êle, Wray encarnando Anna Lee, a jovem mais rica da vila em que decorre a ória. À direita, Cary Cooper no filme da Paramount *O Virginiano* passado Rio de Janeiro em princípios de 1930. Cooper fazia o papel de um ran-iro de 1890. A heroína era Mary Brian na figura de Molly Wood, a profes-nha tímida da comunidade.

Cow-boy gigante, de grandes olhos azues, foi a verdadeira atração do Festival.

Delirantemente aclamado à chegada por uma pequena multidão que se postara à porta do Hotel Carlton, Gary Cooper passou a ser, desde logo, o centro das atenções gerais na Cote d'Azur que êle não revia havia mais de trinta anos.

Por acaso talvez, no primeiro jantar de Cannes, coube a Gay Cooper sentar-se ao lado de Giselle Pascal, a linda comediante francesa protagonista do filme *Horizontes sem fim* e que há cêrca de cinco anos vinha mantendo com o Príncipe Rainier III, de Mônaco, um flirt muito comentado, sobretudo pela obrigação que teria o jovem Regente de abdicar em favor de sua irmã, caso se resolvesse a fazer um casamento por amor.

Parece que convencida dos entraves que seu casamento traria ao Principado de Mônaco, Giselle se decidia, afinal, a romper com Rainier, dando-lhe a liberdade que êle não almejava, mas que era exigida por implacáveis razões políticas. Nesse estado de espírito defrontam-se em Cannes os dois populares astros do cinema: — o outonal americano buscando esquecer a arrebatadora Patricia Neal e a primaveril francesinha, disposta a não mais pensar no Príncipe de Mônaco... Além de tudo, dominando bem o idioma inglês, Giselle logo se tornou a companheira constante de Gary Cooper, dia e noite, em Cannes, em Paris, em toda a parte...

Começaram a surgir, então à larga, os boatos, os comentários, os mexericos, os disse-que-disse, tão do hábito da gente do cinema.

Iriam casar-se os dois — afiançavam os mais românticos. Não pensava o flirt escandaloso de mero artifício de publicidade para o lançamento de novo filme de Cooper a ser rodado na Europa — contestavam os mais céticos e os que se diziam melhor informados.



No 25.º baile dos Petits Lits Blancs, no Moulin Rouge, Gary Cooper e Giselle Pascal deram exuberantes demonstrações de que o flirt iniciado em Cannes ia com forte vento pela pôpa...

Quando mais aceso ia o namôro da famosa dupla, eis que chegou à Europa a espôsa e a filha do galã americano. E seguem os Gooper, risonhos e simples, a fazer turismo como quisquer mortais. Vão de início à Itália. Num vilarejo nos arredores de Cassino êles vão conhecer a orfãsinha de guerra — Rafaela Gravina — que há quatro anos adotaram e com a qual desde então se correspondem. Em Roma, ao serem recebidos pelo Papa, é Gary Cooper reconhecido pelas centenas de fiéis que ali aguardam audiência, alvoroçando-se os corredores e os salões do Vaticano com a agitação produzida pelos indefectíveis colecionadores de antógrafos.

E o turismo dos Cooper prossegue burguêsmente.

Por enquanto ninguém, ao certo, sabe se o idílio de Coper e Giselle terá maiores consequências. *Rocky*, católica fervorosa, já poeta à prova com o caso de Patrícia, certamente não concordará com o divórcio e tudo fará para reconquistar o marido, até há bem pouco exemplar, mas agora intranquilo e inquieto a manter-se em arriscadas aventuras outoniças... De seu lado, o maduro e largado herói da tela, meditando bem, talvez prefira voltar à doce e amena letargia em que viveu durante dezoito anos de matrimônio perfeito. Além das recordações de Patrícia e de Giselle, ainda bem vivas, bastará a Gary Cooper para encher-lhe os dias, a evocação silenciosa e clandestina de seus grandes, de seus arrebatados amores de há 20 ou 25 anos passados: — a magnífica e suntuosa Evelyn Brent, a exhuberante e excêntrica Clara Bew, a escaldante e ciumenta Lupe Veloz e a repousante e fina Condessa Di Frasse.





Três cenas do film *O Canto do Lobo* visto no Rio, em meiados de 1929. Gary Cooper fazia o papel de Sam Lash, um jovem pioneiro das panícies do Kentucky que, a cata de aventuras, parte para uma aldeia mexicana onde se apaixona por Lola Salazar, que era Lupe Velez. Neste filme havia galopadas e brigas em penca. Da convivência dos dois intérpretes nasceu entre êles, na vida real, um grande romance de amor .Foi um idílio veemente que durou três anos.



A TOSCANA, PAÍS DAS MARAVILHAS

E. VITOR VISCONTI

Florença é um centro de irradiação turistica para Siena. Assim, Perúgia, Pisa e a própria cidade que possue a bela catedral de Santa Maria del Piori, tendo ao lado o Batistério e a bela torre do Campanário de autoria de Giotto que se revelou um grande arquiteto nessa obra, que mais parece uma flor voltada para o céu. As galerias do "Uffizi" e do Palácio de Pitti são maravilhosas. E' o desfile de obras de arte de alto valor, criações de Rubens, Donatelo, Da Vinci, Rafael, Corregio; Ticiano, Miguel Augelo, Boticeli, Perugino, Lipi, Andéa de Sarto; etc.

Suas pontes infelizmente foram quase destruidas pela guerra, muitos vitrais da catedral quebrados e vários edificios destruidos pelos alemãis. Das cidades vizinhas é Siena a mais bela, com sua maravilhosa catedral em estilo gótico-romano, ornada por uma floresta de colunas, tendo o chão mais belo do mundo, com prodigiosos trabalhos de entalhe em marmore e belas estátuas de Bernine como S. Jeronimo, Madalena, de Donatelo, como S. Giovanni, de Pisano, entre outras, o suntuoso púlpito de mármore lindamente esculpido, Pinturicchio com os afrescos da sala da Biblioteca, Duccio é a esplendida Maestá, a êle que se pode chamar de pai de pintura, nesse trabalho êle usa pó de ametista e pó de lapis azuli do mesmo modo que Pinturicchio usava aplicações de ouro em relevo nos afrescos. O Batistério atraz da catedral passue lindas esculturas de Donatelo, Jacomo e Ghiberti. Amblos templos revestidos de marmores de várias côres como a catedral, batistério e torre do campanário de Florença.

Fizemos também uma visita a S. Gimignano, com a bela catedral e igreja de S. Agostinho que possue afrescos de grande beleza, sobretudo a Anunciação de S. Agostinho por Gazzoli, no século 15, que maravilhosa, ainda vemos um Cristo de Marcovaldo que parece ter sido inspiração do Cristo da Pampulha de Portinari, valiosos trabalhos em terra-cota e uma escultura Etrusca de linhas gregas e de grande perfeição que julgam ter 28 séculos, mostrando alto grãu de civilização desse povo. Também, em Siena, nos chamou atenção uma original praça em anfiteatro e rodeada de belos edifícios, única no mundo no

O autor dêste artigo, que se encontra na França, em viagem de intercâmbio cultural, numa foto feita durante a sua passagem pela Itália.



Por fim visitamos Pisa, com o Duomo, o Batistério e a Torre inclinada, belos exteriormente com seus marmores de várias côres, mas, no interior, pouca cousa de grande valor, gostei duma pintura de Andea del Sarto, duma estátua creioo que de Bernine, do inferior ao de Siena, do mesmo belo púlpito de Pisano, contudo autor que é verdadeiramente insuperável com suas esplêndidas esculturas em mármore.

No Batistério é famosa a acústica, uma nota dada por voz mediocre se reproduz em sonoridade maravilhosa, mas sómente notas isoladas.

A Toscana é a Itália, pois tôdas essas maravilhas foram realizadas sem a contribuição de colonias ou de povos de outras terras, revelando uma pujança e uma riqueza que nada iguala. A Roma de hoje tem o Vaticano, S. Pedro e S. Paulo, mas são obras, com a contribuição de tôda a cristandade, o que não se dá com as cidades de Toscana, que são a alma da própria Itália.

NA VERTIGEM DA VIDA

A propósito do livro de versos de Renato Elisio, escreveu Berilo Neves no "Jornal do Comércio":

"Sob este criptônimo oculta-se um distinto médico compatrício. Parece pelo geito com que se esconde não ter lido os famosos versos do clássico Antonio Ferreira:

"Não fazem mal as Musas as doutores..."

Poetas-doutores, têmo-los e bastaria, para o comprovar êsse magnífico vate que é o Sr. Aloisio de Castro, a cujo renome o trato das Musas não fês ao que parece, nenhum dano. Todavia, respeitamos o incógnito de Renato Elisio e ouçamos êstes versos que são, de certo modo uma confissão plenária:

"Sou o poeta que ninguém conhece,
Que a lira tange do país do sonho,
Em busca de um viver docê e risonho,
Florindo a propria dor de que padece.

Canto o amor e a beleza que alvoresce,
Invejo e louvo em meu cantar bisonho,
O Talento que existe ou que suponho,
A Bondade rezando a minha prece.

Pouco importa ninguém meus versos leia,
Neles vazo a minha alma e o coração,
Seduzido por cantos de sereia...

Longe do mundo a minha poesia,
Inspirada sòmente na ilusão,
Crê no amor, na mulher, na fantasia..."

A nota dominante nos versos dêste poeta é a melancolia. Há, sempre, algum ressalbo de tristeza nos seus versos. Estes são, todavia, simples e espontânea. Traduzem a riqueza de uma alma boa, mais inclinada à generosidade do que o comum das almas... As indagações da filosofia não lhe são estranhas. O soneto "O Tempo" no-lo revela:

"Tempo ! Meu bom e generoso amigo !
Com teu poder imenso e igualitário,
Da soberba e vaidade és o castigo,
E do pobre tu fazes milionário...

És a vingança do escravo e o perigo
Do tirano. Em teu seio legendário
Habita o Bem e o Mal. És o abrigo
Da ilusão que procuro em meu fadário...

Nada te foge à ação devastadora,
Tumba da mocidade e da beleza,
Lenitivo da dor e da saudade !

O amor revives já alma sofredora,
És o sol que renova a Natureza,
O efêmero na voz eternidade !"

Não são raros, igualmente, os acentos helênicos na poesia de Renato Elisio. Nem ela seria poeta se não consagrasse à Helade o culto que lhe têm todos os verdadeiros artistas. Este amor é, por assim dizer, o sinal da

(*Continua na pag. 42*)

O PARANÁ INTELECTUAL
e a Conferência de Raul de Azevedo

A Federação das Academias de Letras do Brasil, que tanto faz pelas letras nacionais, realizou à 12 do corrente uma sessão especial em homenagem ao I Centenário do Paraná tendo sido convidado para orador oficial o escritor Raul de Azevedo.

Este realizou uma conferência, muito aplaudida pela numerosa assistência, sobre o *Paraná intelectual do meu tempo*, destacando valôres de ontem e de hoje, ocupando-se do seu panorama literário, e dizendo alguns belos poemas dos seus bardos principais.

A conferência foi muito aplaudida, recebendo Raul de Azevedo efusivos cumprimentos da assistência.

Um livro e quatro autoras

EDITADO pela revista "Jangada", da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, acaba de sair a lume "Naipes", excelente coletânea de crônicas das intelectuais Cândida Maria Santiago Galeno, Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, Evangelina Accioly e Heloneida Studart. O título, por demais singular, representa, no seu conteúdo, as vozes da inteligência e do valor dessa plêiade de jovens que integra a Casa de Juvenal Galeno, centro de cultura e desenvolvimento mental e artístico dos valores novos da terra dos mares verdes. "Naipes", não é apenas o triunfo do talento literário, mas, por certo, o triunfo de suas autoras no cenário das letras nacionais.

Dos trabalhos, aprimoradamente escritos, que enfeixam "Naipes", salientamos *Divagação em tôrno de um besouro, Menino Carvoeiro*, de Cândida Maria Santiago Galeno; *Expedita, Anjo moreno*, de Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto; *Noites de São João*, de Evangelina Accioly e, finalmente, *Louvação do Iguape, Granada* e *Garcia Lorca*, de Heloneida Studart.

"Naipes", além do estilo elegante e, sobretudo, linguístico, destacando-se Cândida Maria Santiago Galeno e Heloneida Studart, é um belo livro, onde se acentúa o elevado gôsto literário de sua autora na difícil arte da palavra escrita.

R O N D A

Continúa circulando, em franco progresso, a revista *Ronda*, órgão do pensamento moço de um grupo de jornalistas, tendo à frente o talentoso jovem F. Magalhães Portela, diretor e comentarista político, cujos escritos realçam pelo vigor e a argúcia mental de que são impregnados.

Ronda, que comemorou, recentemente, o seu 1.º aniversário, estará brevemente circulando em edição especial, trazendo farta e boa colaboração nos mais variados assuntos.

EDUARDO MAC-DOWELL
UM ARTISTA A SERVIÇO DA CIÊNCIA

QUEM tiver a oportunidade de ir à floresta da Tijuca, encontrará na Secretaria da Agricultura, Serviço Florestal da Prefeitura do Distrito Federal, um artista que, em silêncio, sem alardes de publicidade, realiza uma obra que, indubitavelmente, ficará para exemplo dos vindouros e ao mesmo tempo transformada em fonte de consulta para os cérebros afeitos às pesquisas científicas, nas partes relativas às coleções Nidológicas e Ornitológicas.

Realmente, talvez seja o trabalho de Eduardo Mac-Dowell o mais perfeito de quantos vêm sendo realizados presentemente, no que diz respeito à documentarista unida a forma do desenho impecável a ao conhecimento técnico da pintura, já que o referido artista, nome conhecido pelas láureas alcançadas nos certames artísticos do país, e dos poucos que se acham à altura de conciliar, como o consegue brilhantemente, a arte e à ciência.

Não para a paciência e a dedicação do artista estaria o referido setor da Prefeitura privado do trabalho que muito honra a cultura e o bom gôsto nacional; pois como é do conhecimento daquêles que se interessam pelas coisas da ciência, os materiais usados na fabricação dos ninhos envelhecem, secam e são destruídos pela ação do tempo. Por isso são fixados, mediante cópia fiel do natural, em telas, a óleo para constituir a mais bela coleção Nidológica de nossos dias, onde aparecem, realizados de modo primoroso, em cada painel, um exemplar do animal macho e outro fêmea, ambos adultos diante do ninho contendo os respectivos ovos, tendo por fundo a árvore onde o casal tece a morada para a procriação, aparecendo a ambientação do próprio "habitat" com rigorosas características da espécie, família e exatidão da côr.

UM MESTRE


Miguel Daltro Santos [redacted]

OS grandes mestres vivem numa forma de perpetuação espiritual, mais sólida, às vêzes, do que a daquêles que retransmitem às gerações futuras a herança da vida física.

A eternidade no homem é um conglobado de emoções e pensamentos. Não é no envólucro carnal que reside a razão máxima da vida. Deus a permite como estôjo da joia que se chama alma. E esta é, em verdade, a essência que traz em si a tônica do sôpro do Criador.

Ser mestre, no verdadeiro sentido, é pressentir a eternidade e amá-la como vida contínua. O Mestre fala de alma para alma e envolve o pensamento de amor, que o único meio de criar, no discípulo a sabedoria programada para as mentes iniciantes.

É da bôca dos professôres, que fazem do magistério a missão de semear luz, que parte a fôrça divina capaz de subjugar os cascos do instinto negativo e destruidor.

O Mestre é um missionário e sua obra, eterna. Por isso não acreditei na morte do Professor Miguel Daltro Santos. Aqui e acolá, centenas, milhares de criaturas guardam no interior a frutificação das sementes deixadas pelo mestre, suave jardineiro, na seára multiforme e colorida de hoje.

O seu verbo multiplicou-se, em espírito, para que a eternidade do seu nome tivesse a imponência do bronze que, nos dias de saudade, fica aureolado de tenuíssima claridade.

Grande e fecunda foi a sua semeadura. Mais de quarenta anos o magistério o envolveu numa sedução miraculosa. Das cátedras ao recolhimento das horas silenciosas, quando conversava, a sós, com a musa da Poesia, ou quando descobria, nas lições de História, o roteiro do rebanho que iria seguí-lo, como pastor, na caminhada que levava ao ponto fixo dos seus olhos: a estrêla longínqua, mas cintilante, no firmamento calmo e sereníssimo, de sua alma cristã, onde as forças do cérebro e do coração fizeram de uma vida o céu profundamente azul da Eternidade.

L U I Z G O U L A R T

O POETA DO MÊS



CARLOS MAUL é um dos poucos grandes poetas vivos do Brasil. E é também com o mesmo fulgor de pensamento e de sensibilidade um prosador mestre do idioma, com uma obra de história, ensaio, romance, sociologia e critica de arte, que orça pela meia centena de volumes. Mas aqui é do poeta que já nos deu as maravilhas da "Marcha do gigante", do "Canto Primaveril", do "Poeta conversa com a Musa" que oferecemos agora dois inéditos do livro a sair "Canto novo", coleção de poemas da melhor e mais pura poesia, tocada de profundo acento romântico, impeto de alma que conserva uma perene juventude. Aliás, Carlos Maul, numa de suas famosas epigrafes já afirmou que a poesia tem sempre vinte anos...

DOIS SONETOS DE CARLOS MAUL

O RELÓGIO NA SALA BATE AS HORAS...

O relógio, na sala, bate as horas...
Quantas são? São iguais todos os dias.
Falam de amor na glória das auroras,
Custam muito a passar nas noites frias...

Às vezes fremem como melodias
Enternecidas, lindas e sonoras,
Registram da esperança as alegrias,
E lembram na sua voz aves canoras...

Para tudo o que é bom fogem depressa,
E acompanhando a magoa e o sofrimento
São como gotas caindo lentamente...

São escravas do tempo que não cessa
De limitar-nos o contentamento,
E a dor nos dar indefinidamente...

IMAGEM

CÉU e Terra em suas nupcias te geraram,
E de luz e energia te fizeram...
As grandes claridades que te déram
Em forças novas se multiplicaram...

Olhos de verde-asul que misturaram
Graças puras das fontes de onde viéram...
Lábios em que os sorrisos proliferam
Melodias que as aves lhes deixaram...

És a um tempo volúpia e castidade,
Afago de ternura sem maldade,
Amplexo que aviventa e que quebranta...

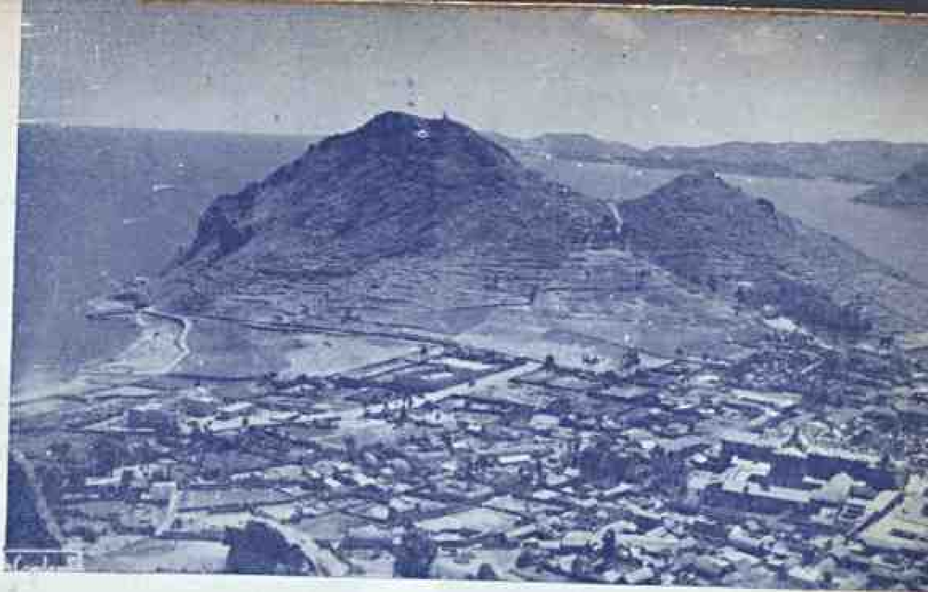
Carne e alma, és o amor de essência viva,
As ansias da ventura primitiva,
Mundo velho que em ti ressurge e canta...



Três coisas impressionam sobremaneira a quem visita a simpática capital da Bolivia: o Illimani sempre nevado, o colorido indígena e Copacabana.

Copacabana, então, é das três, a que mais chama a atenção do turista, principalmente se êste é brasileiro, se é carioca, se mora na Copacabana brasileira e se está sempre junto aquele glorioso Forte onde se erguia, outrora, a igrejinha de Copacabana.

A mãe de nossa Copacabana fica à margem do famoso lago Titicaca, o maior da América do Sul, e a uma altitude de 3.800 metros!



UM NOME LIGANDO BOLÍVIA E BRASIL

NÉO PORTELLA

Pode-se deduzir certas afinidades com a nossa Copacabana, mormente se considerarmos a do século XVII, quando parece que, para cá, foi transladada a imagem santa. Há alguma semelhança topográfica as duas: a Bolivia fica numa peninsula que entra pelo Titicaca a dentro, numa situação mais ou menos igual a da ponta da Copacabana brasileira, que avança pelo Atlântico.

Hoje em dia, com muito acerto, se procura reerguer a capelinha de Copacabana, demolida por fôrça da necessidade de defesa da baía da Guanabara, nada mais propício que recordar como nasceu em nossa terra a veneração de N. S. de Copacabana. Não há fontes históricas seguras, mas acredita-se que tenha provindo da promessa feita por um navegador, na iminência do naufrágio. Conta-se que dispôs-se, com a santa, que é padroeira dos navegantes do Titicaca, a levantar uma igreja em sua homenagem, caso não sossobrasse; assim aconteceu e o marujo cumpriu sua palavra, fazendo levantar, na ponta da praia de Socopenupan uma bela igreja. Por necessidades bélicas, a igrejinha foi demolida em 1918 e, agora, os "descendentes profissionais" dos próprios demolidores querem fazer voltar o culto tão difundido na vizinha Bolivia.



No dia da Conceição foi lançada a pedra fundamental da nova igrejinha, que está despertando a atenção, não só dos habitantes de Copacabana, como ainda de outros bairros do Rio e até mesmo de longinquas paragens do Brasil, de onde tem chegado vários donativos, que a comissão recebe antevendo, com prazer, o restabelecimento daquela tradição e desta crença que deu nome à bela praia dos socós.

A Copacabana brasileira, faceira filha de vetusta boliviana, já usa saltos altos e se pinta: está maior que a própria genitora. Será quase impossivel acontecer o mesmo com relação às igrejas, pois a do Titicaca é verdadeiramente magnificente; mas como dizem que N. S. de Copacabana é muito milagrosa e como o povo brasileiro está muito empenhado na reconstrução de seu templo, é possivel que tudo aconteça...



DULCE RENATA, última discípula de Renato Viana

A fotografia que ilustra esta nota é da talentosa jovem ulce Renata, uma das últimas discípulas do saudoso e genial teatrólogo Renato Viana, que está concluindo o seu curso de arte teatral na Escola Dramática Martins Pena. Dulce Renata, que é considerada como a última descoberta de Renato Viana, e que vem, na verdade, apresentando excelentes qualidades artísticas, estreou, com sucesso, no dia 26 do mês p. passado no Teatro Municipal, na peça de Martins Pena, "Judas de sábado de Aleluia", interpretando o principal personagem.





A foto mostra-nos a rainha Jussara Maria sendo coroada pela senhorita Dianey Vasconcelos que no momento fôra prêsa das lágrimas.

COROAÇÃO DA RAINHA DOS BROTINHOS

Já de posse da coroa, S. M. sorri, irradiando beleza e simpatia à objetiva do nosso fotografo.

Texto de MILTON MATTOS — Fotos de HELIO BRITO

Tendo ao lado as princesas: Marlene Sada e Maria Augusta, a rainha dos brotinhos, arcada de flores, parece meditar . . .



Em meio as flores e o ar festivo que pairava nos salões do União F. C., teve início às 21 horas do dia 12 de Dezembro, na Ilha do Governador, as solenidades que precederam a coroação da linda Jussara Maria, eleita a "Rainha dos Brotinhos", daquela agremiação.

O Sr. Rafael Adaltro Castro, descortinando com viva emoção e brilho o cenário de alegria e cordialidade ali existente, exteriorizou por meio da oratória, os seus agradecimentos; e na qualidade de presidente o fez em nome do Clube.

Atendendo as obrigações de amizade fizeram uso da palavra os representantes de outras entidades daquela localidade, Sr. Manoel Curvelo, representante dos Tabijáras, Sr. Renato Pereira Dias, representante do "Aliados e a palavra não menos amiga e correta do senhor Roseni Pinto, conhecido ator teatral em nossos círculos de ribalta.

Finda as cerimônias, S. M. a rainha Jussara, subiu ao trono ladeada por suas duas princesas: Marlene Sada, a que obteve o segundo lugar e Maria Augusta, retentora do terceiro posto cobertas de aplausos, flores e clarões das lâmpadas fotográficas.

A coroação esteve a cargo da senhorita Dianey Vasconcelos, madrinha do Clube, que na hora em que deveria depositar a coroa sôbre a cabeça vencedora, não pôde conter as lágrimas de emoção, como vimos na foto a cima, contagiando também S. M., a rainha.

Logo após, sucedeu-se o brinde e a valsa. Estava finda a solenidade e iniciada a festa. Um magnífico baile, então passou a viver nos salões iluminados do União, marcando assim mais uma vitória do Clube na concretização do idealizado; e um novo reinado de sorrisos e primaveras que advirão da parte de S. M. Jussara Maria, a "Rainha dos Brotinhos".

TROVAS

ANO NOVO

"Ano Novo vida nóva!"
diz muito rico, feliz,
Sómente o pobre, coitado,
nem pensa o que o rico diz.

Nidoval Reis

* * *

Quando passa o nosso corpo,
Segue a sombra pelo chão.
A saudade, que nos segue,
é a sombra do coração.

Hormino Lyra

* * *

Quem tiver a alma doente
não fuja dêste caminho:
recorde a mulher ausente...
Faça verso e tome vinho!...

Adauto Gondim

* * *

Tudo passa nesta vida...
— Diz o rifão popular!
Mas, o nosso amor, querida
Jamais, nunca há de passar.

Raimundo Araújo

* * *

SAUDADE

Saudade — medalha usada
Que em meu peito fez-se escudo,
És o pouco... o quasi nada
Daquilo que já foi tudo.

* * *

MORTA

Vendo-a deitada, perdida
Entre as flores mais formosas,
Vi que ela, embora sem vida,
Tinha mais vida que as rosas.

Geraldo Guimarães

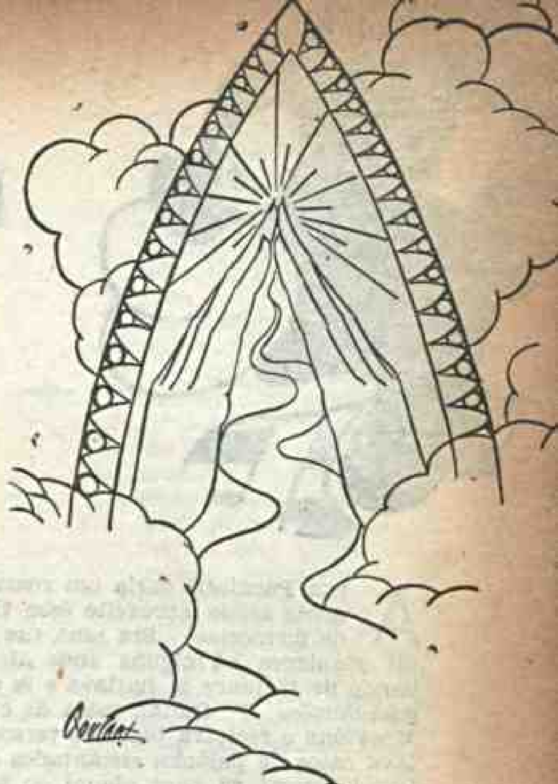
* * *

Essa virtude do Amor
grande virtude contém:
transforma vil pecador
num santo que se quer bem.

Fernanda Brito.

DUAS POESIAS QUE SE ENCONTRAM...

A Poesia na sua ronda eterna, desceu na luz suave da inspiração. As poetizas, colhidas de surprêsa pelo destino, estenderam as mãos para colher o halo de beleza atirado do Olimpo por sôbre seus caminhos. Nem sempre a dor — companheira inseparável, penetra no coração e deturpa ou destrói os acordes da alma poética. Momentos há, em que a amargura, descendo ao âmago do espirito se perde em meio a suavidade dos encantos?... e lá se demora! E quando torna à superficie, traz envolvida nas suas vêstes poeirentas, as cintilações dos sonhos e as sementes das flôres interiores:



Si fossem ageis como o pensamento
Seria fácil o meu ganha pão...
Mas o muito que fazem no momento
E' suavisar das almas a aflição...

Muitas vezes não podem me ajudar
Nos trabalhos que exigem perfeição...
Mas juntinhas havemos de lutar:
Cumpriremos enfim nossa missão...

Mesmo assim: feias, tortas, aleijadas,
Quase sem força, e sem agilidade,
São para mim iguais às mãos de fadas
Que vivem a espalhar felicidade...

MARIA MONTES

TUAS MÃOS

(A enfermeira Maria Montes)

Vendo tuas mãos bondosas e macias
Levar conforto e balsamo aos doentes,
Fico a pensar em outras... tão vazias,
Que passam pelo mundo indiferentes...

E comparo tuas mãos, que dizes tortas,
Mas que dão paz, alivio, fé, guarida,
Àquelas outras que parecem mortas,
Pois nada fazem que suavise a vida!

Para mim, tuas mãos meigas e finas,
Ternas, amigas, derramando o bem,
São pedaços do céu... são mãos divinas
Porque sempre se estendem para alguem!

Benfazejas, humanas, caridosas,
Aliviam a dor dos desgraçados...
Têm por missão, na vida, espalhar rosas
Pelos caminhos dos desesperados!

Que tuas mãos sempre sintam a beleza,
Dando às almas um pouco de alegria!
Elas são um tesouro, uma riqueza!
E mais ainda: são mãos de Maria...

REGINA VEIGA



PONTA DE CALÇADA

VITOR GONÇALVES NETO

A rua Pacatuba daria um romance (talvez um dia a gente ainda aproveite êsse título para um volume de memórias). Era uma rua de subúrbio na Capital piauiense há alguns anos atrás. Bôca da noite o bando de meninos se juntava e ia contar *estórias* e dizer *advinhações*. P. Cunha sabia de cor a vida da *Princesa Magalona* e recitava todos os versos de *Pedro Sem*. Contava casos de palácios encantados e moças adormecidas. Depois apontava para algum do bando e dizia o velho apêndice:

— "Entrou pelo bico do pato,
Saiu pelo bico do pinto,
Senhor Rei mandou dizer
Que você contasse cinco"!

Mas era inútil. P. Cunha era o único que possuia pai rico e ama velha sabedora de lendas e fantasias. No Máximo algum de nós se antecipava ao final da *estória* e variava a "ordem do Rei"

— "Saiu do bico do pinto,
E entrou pelo bico do pato,
Senhor Rei mandou dizer
Que nos contasse mais quatro"!

De qualquer forma sempre era êle o "pato" mesmo. E iniciava outra que quando estava no melhor era subitamente interrompida pelo "toque" de recolher.

— "Dormir, meninos" ! ! !

O brado de mãe Josefa encontrava éco nas casas vizinhas e de cada uma se ouvia o chamado de um nome dos nossos. Besteira não responder. Além do mêdo que tinhamos da "Não se Pode" o "cipó de vassourinha" falaria mais grosso em nossos lombos. Depois ainda havia o castigo de uma noite sem sair. Certo é que 21 horas a ponta da Calçada de padrinho Pombo ficava deserta. Talvez povoada apenas de nossos personagens lendários que pouco a pouco foram cedendo terreno à realidade. Foi quando P. Cunha se apaixonou por Iára e eu conheci Adélia. Então as *estórias* foram ficando esquecidas até que desapareceram de vez. E a rua Pacatu parece que se mudou.

Do outro lado era a ponta da calçada de dona Minda. Lá ficavam as meninas brincando de *anel* ou fazendo a roda da *ciranda*. Mas o que mais me encantava era aquêle jôgo de pedras cantado a dois:

— "Escrava de Jó,
Jogavam o caxangá,
Bota e tira
E deixa o jamelê!
E vai,
Guerreiro com guerreiro,
Zig-zig
Zig-zag" ! !

Mais em baixo no rumo do rio Parnaíba era a calçada lá de casa. Na ponta havia um *tôro de carnaúba* aonde nos sentamos nas últimas noites escuras. Nesse tempo Catita já dizia advinhações cabeludas e João Carneiro falava das pernas da namorada. A brasa do cigarro "Colomy" era escondida nas mãos em concha. Um dia apareceu até uma garrafa de vinho que a gente bebeu. As cantigas das meninas já não chegavam aos nossos ouvidos:

— "Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar" ! ...

Alguns já apresentavam fios ralos de bigode. E tudo aconteceu de repente não sei como. Dum dia para outro Catita pegava uma "galopante" onde fôra estudar — em São Luiz do Maranhão, e voltava para sofrer aos nossos olhos. Maria José, uma das caçulas da ponta da calçada de Dona Minda, sem a gente imaginar ficara noiva. Num instante P. Cunha virou doutor e fez o casamento com Iára. João Carneiro foi morar em Pernambuco e eu deixei Adélia na distância. A velha rua Pacatuba na cidade de Teresina talvez não exista mais. Mas de tudo aquilo resta ainda a *ponta de calçada* revivida nas vozes de crianças que me entram pela janela nesta noite distante. E isso significa eternidade.

CHAMANDO AOS TRABALHOS DARTE

JACÍ

Muito antes de aqui chegar a Missão Lebreton, grupo de professores que trouxe a missão de criar a Escola de Belas Artes em dias de Dom João VI, muitos trabalhos ligados às artes plásticas foram feitos em nosso meio colonial.

Eram esforçados autodidatas os muitos que chegaram a essas realizações naqueles remotos tempos em nosso País.

Não cremos entrar em afirmativa exagerada, levantando a hipótese de que foi a Religião quem chamou ao trabalho artistico aquela boa gente.

As Casas de Deus aparecem aqui e ali. O fiel não as quer em situação igual a de uma construção qualquer e daí seguir o mesmo rumo percorrido por outros fieis em outras regiões e em outros tempos, aquele que leva à realização de edificios especiais e condizentes a sua alta finalidade.

Nem sempre era possivel fazer vir ao Brasil um mestre arquiteto para o soerguimento de templos, assim como também os outros mêstres que completam a obra do primeiro, assim os pintores, escultores e tantos outros.

E' exatamente por isso que o artista plástico quase sempre mulato, mestre de si próprio, homem modesto sem grandes pretenções aos direitos sociais na então Colônia, bate às portas do castelo da imaginação, para alí ter ingresso com o auxilio das únicas credenciais disponiveis, as da intelligencia, pondo-a de todo aos serviços do embelezamento da Casa de Deus.

Como artista, de certo, não passava ao largo das belezas naturais aquele modesto e despretencioso artista, mas acreditamos inconteste que tôda a beleza ambiente servia apenas de estimulo para o velho artista criôlo aprimorar um pouco mais as belezas da Casa de Deus tanto as do entalhamento de uma porta, quanto as do acabamento de um altar.



fosse você, Marcos, talvez a odiasse, a repelisse. Mas eu... Quando senti a carícia morena dos seus olhos abismais, ouvi aterrado, a explosão do amor selvagem que jazia soterrado em mim pela sucsão vertiginosa dos fatos e tragédias da vida.

Então, fascinado como batráquio pelo reptil segui-a como um rafeiro, um ser abjeto. E ela, novamente, mais mulher ainda, anulou com o mistério pecaminoso do seu corpo, todo aquele tempo de regeneração, de contenda com a adversidade, obrigando-me a maltratar, a humilhar Niese, e abandoná-la, atirando-me, de novo, ao cáos ao delírio de uma vida boemia e viciosa.

Arrastou-me para Paris, onde possuia um amante, *coronel* ministro e

VIDA

CONTO DE JORGE AZEVEDO

Ilustração de CORTEZ

— MAIS WHISKEI...

— Mais. Trouxe-a comigo, vibrando no contentamento de uma criança que tivesse adquirido num bazar um brinquedo nunca sonhado porque desconhecido. Um dêsses acidentes psicológicos que desmantelam a vida de um homem, fazendo-o tropeçar no imprevisto e ferir-se de encontro à realidade. Resisti à parvoice dos preconceitos, às imposições paternas e ao raciocínio que, muitas vezes, embrutece o sentimento. Eu frequentava, com brilhantismo, a Faculdade, e fazia furor, com o meu talento que rara eloquência evidenciava, nos círculos sociais e políticos. Odiei e desprezei tôdas essas glórias decorativas e efêmeras. Odiei a sociedade com os seus preconceitos. Odiei, abominei os homens com as suas maldades e mentiras. Cláucia era a minha obcessão, a minha finalidade maior. Da rua esconsa, onde mercadesaja o corpo florescente, levei-a para a avenida iluminada da vida, sociabilizando-a, numa adoração que era doença ridícula e torturante. Esqueci a criatura adorável e pura que era Niese, interrompendo, desumano, o nosso noivado, inefável promessa de felicidade. Despersonalisei-me na loucura de um amor que me tomara de súbito sem que eu o pressentisse nem repelisse.

E Cláucia, arruinando-me com o veneno do seu corpo, abandonou-me um dia, arruinando-me a alma, rindo sôbre os destroços dos meus sonhos esboroados... O perdão de Niese, boa e sofredora, foi o reconfôrto que o abandono reclamava. Ainda a ouço lacrimosa, os suplices olhos azuis nos meus como se eu é que a fosse perdoar, naquela suavidade de gestos e de voz que ainda hoje é o meu deslumbramento interior: "Eu te amo o bastante para perdoar-te sempre, amando-te ainda mais..." Niese! Por que a vida má uniu o meu destino ao teu, que era tão lindo e tão feliz? E o perdão dos meus pais, meu amigo, foi a tristeza que ficou até hoje rondando a minha vida. Só a estulta sociedade não teve a grandeza do perdão, porque apenas sabendo condenar, profligar, açoitar não possui a beleza moral de saber perdoar...

Cláucia desaparecera, para sómente convulsionar o meu destino um ano depois, quando o amor de Niese, consolidado pelo casamento, me incutia o ardor com que eu lutava, convicto de uma vitória que me pertencia. Se

dono de *dancing* e, em pouco tempo, abandonou-me em Nice, em meio ao atordoamento do carnaval faustoso.

Foi aí que travei relações intimas com a miséria...

— Mas *whiskei*...

Enche o copo. Regressando ao Brasil, dois anos depois, procurei Niese. Niese... Descera da rua iluminada para a rua esconsa. Senti o abatimento esmagador de um envelhecimento de dez anos. Há minutos que possuem a fôrça constritora e aniquilante de muitos anos, Marcos. Amparei-a, eu que vivia ao desamparo no deslise imposto pelo marido abjeto.

E fomos vivendo, morrendo, vivendo... A vida nada mais é que uma *montanha-russa*. A fôrça da descida produz a ascensão. E eu descera tanto, tão repentinamente, que um dia, apavorado, subi impelido por um fato banal: a herança paterna, a fôrça da descida...

E decorreram êsses dez anos, lentos e inúteis. Inutidade trágica, meu amigo. Niese parece feliz, tendo a sua vida concentrada naquelas duas crianças louras que você beijou. Mas... e eu? Eu sinto um medo atroz... medo que é estilête em brasa na minha alma...

Defronte, o mar rumorejava à carícia noturna da praia enluarada. Um tango torturado contava, em espasmos musicais, uma história banal...

— Medo ? !

— Medo de mim mesmo. Medo da vida. Medo da flexibilidade do destino. Após êsses dez anos — ausência cruciante como o meu mudo desespêro — eu ouço a sua voz — sim, era a voz dela! — angustiada, suplicante como êste tango. Telefonou-me: deseja ver-me... Marcos, eu enlouqueço! E Niese? E Terezinha? E Luizinho?

— Odeio essa mulher!

— Odeio e, às vezes, meu amigo, a exaltação, o paroxismo do amor. Temo odiá-la, temendo adorá-la ainda mais. Você me compreende... Sinto, Marcos, numa vertigem, que alcancei, outra vez, na *montanha-russa* da vida, o término da ascenção... E Niese? E Terezinha? E Luizinho, meu amigo?

— Calma, Carlos! Você vencerá essa mulher! Mais *whiskei*...

— Sim, sim. Mais *whiskei*...



Ideias & fatos

Raimundo Araújo

Numa edição da revista "Jangada", da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, vem de ser publicado, "Naipes", um livro de crônicas, da autoria de Cândida Maria Santiago Galeno, Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, Evangelina Accioly e Heloneida Studart. Volume de 140 páginas, capa e desenhos líricos de Joana Darc, reune dez trabalhos de cada uma, dividido em *Trechos de Caminho*, (espada); *Encontros*, (copa); *Folhas do Outono*, (paus) e *Pulseira de Tostões*, (ouro), respectivamente representando e simbolizando os trunfos intelectuais das autoras, que trazem, no referido livro, suas fotografias e seus resumos biograficos.

Para alguns criticos a crônica é um dos mais fáceis gêneros literários.

Pela simplicidade da sua forma em fixar motivos leves, sem a austeridade da profundez, ou discorrendo sôbre assuntos tão sòmente para o deleite dos leitores, a crônica, para nós, torna-se, por isto mesmo, um genêro bem dificil. Requer delicadeza, argúcia mental dos que a ela se dedicam. Tivemos grandes mestres na crônica, desde os primórdios das nossas letras até os dias hodiernos. Humberto de Campos foi um deles.

Presentemente, Rubem Braga, Joel Silveira, Elsie Lessa são os melhores que lemos na imprensa diária da Capital da República. No Ceará, estado natal de "Naipes", excelentes cronistas perlustram na imprensa de Fortaleza. João Jacques, Carlos Cavalcante, Jandira Carvalho, Margarida Sabóia Carvalho formam a exuberante ala de primeira linha dos cronistas cearenses.

Entremos no mérito da obra, apreciando, em sintese, o conteudo literário das crônicas, medindo pelo critério dos nossos parcos conhecimentos no assunto, o valor e talento das autoras.

"Naipes" é prologado por Cândida Maria Santiago Galeno (neta do pai da poesia popular brasileira), jovem que se credencia pela linhagem e o quilate da sua literatura. Tem o cuidado todo especial no sentido do bom escrito, dentro do mais rigoroso requinte do vernáculo. Suas crônicas, polidas, escorreitas, primam pela forma e o estilo; sempre preocupada no melhor e o mais amplo manejamento da "última flor do Lácio inculta e bela". Esteta exigente na arte da prosa, sua "Alma da Montanha", deleita-nos pela clareza, sensibilidade, embevecimento, numa linguagem castiça, sem se tornar jamais cansativa. "Divagação em tôrno de um besouro", simbolisa, filosòficamente, os anseios, muitas vezes detidos, das múltiplas pretensões humanas, particularizando, na vida, os encantos e as desilusões da sabedoria e do amor.

(*Continua na página 42*)

A LUTA INUTIL DOS "EUS"



BELARMINO VIANA

"Devemos compreender, de certo modo, onde a Humanidade se encontra no momento, e temos que possuir, embora tênuamente, a visão do futuro". "Sede vós próprios grandes auxiliadores e não meramente recebedores de auxilio". "A lei não muda; ela é permanente".

Krishnamurti

A civilização e suas organizações, sempre foram analisadas pelos discernimentos dos homens de entendimento. Esses homens eram considerados profetas nos ambientes onde predominava a crença e onde era contestado o entendimento das Realidades.

Em verdade eram e continuam sendo homens cujas mentes estão apercebidas das causas e dos efeitos, da natureza e do movimento das mentes civilizadas pelos conhecimentos adquiridos do passado. Esses homens não aceitavam os fatos baseados na transitoriedade e limitação das memórias acumuladas. Suas mentes não estavam encharcadas pela influência dos sistemas politicos, religiosos, filosóficos e econômicos das civilizações que passam. Não se deixam dominar pelas dialéticas compulsoras das mentes condicionadas pela crença. Aceitavam e viviam, por compreensão, as Realidades do espírito eterno e imutável, da sabedoria da vida. Por compreenderem essa Realidade vertical, apontada pela vida inteligente, sentiam, nas consequências presentes e futuras, o destino produzido pelos átos oriundos do egoismo, dos "eus", portadores de doutrinas, sistemas, filosofias, e culturas baseadas na ilusão das dialéticas. Não eram visionários nem profetas; apenas não estavam limitados pelos conhecimentos. E nós já podemos compreender que, bastou surgirem novas expressões do espirito do homem, nas manifestações cientificas do século XX, para anular o valor das diáleticas de que se utilizavam os portadores da cultura do passado, do egoismo. Daí por diante começou a ruir o intelectualismo sem compreensão e sem vida, que se havia apossado da direção social da humanidade. A civilização começou a enfraquecer mentalmente e seus cultores não compreenderam as causas da derrocada em marcha. Os dirigentes, sacerdotes, militares, banqueiros, professores e juristas continuaram fazendo-se obedecer, como se nada houvesse para ser entendido.

Mudaram os nomes das coisas e ficaram esperando as consequências presentes. Mas os tempos continuavam a mudar. Dirigentes politicos puseram em função a astúcia das memórias acumuladas no passado. Com o nome cientifico de pesicologia, criaram a arma que julgavam própria para ser usada dentro da mentalidade das multidões de crentes, para obrigá-los a continuar lutando pela decrépita civilização sem vida, que pretendem fazer permanecer na exploração do homem pelo homem. Os "eus" orientadores dessa ilusão estão vivendo a última etapa da era da violência, da posse e da fome. O tempo continua mudando vertiginosamente, levando na sua frente tudo quanto foi organizado pela astúcia, pelo hábito de domínio aquisitivo.

Os dirigentes nada entendem além do egoismo em que vivem, nada vêem além da crença. Ignoram que a Sabedoria da vida tem muitos processos de manifestações; que há processos verticais e processos horizontais, inconfundiveis pelo dicernimento. Ignoram que é processo da sabedoria da vida, a abundância incomensurável de elementos nutritivos das criaturas; processo negado, explorado, perturbado pela horizontalidade do egoismo aquisitivo dos homens sem compreensão da sabedoria da vida.

Através da confusão psicológica está-se verificando o fim da civilização que atingiu o topo do egoismo. Continentes, nações, sociedades, sistemas, filosófias e seguidores estão sendo arrastado pela catástrofe universal dos valores tradicionais. Todos os homens civilizados estão empenhados na luta inútil dos "eus".

A cidade de Além Paraíba comemora o 70.º aniversário de sua criação

Está sendo comemorado hoje, naquele importante Centro da Zona da Mata, a elevação da CIDADE DA ESPERANÇA a tal categoria, outorgada pelo Govêrno a 14 de Setembro de 1883.

A cidade de São José do Além Pacategoria, ortogada pelo Govêrno a raiba, encontra-se apertada entre o Rio e a Serra; colocada entre a oficina da Leopoldina e o Bairro da Saúde.

Com uma área distrital de 289km2, foi encontrada a seguinte população 13.258 (1920), 15.562 (1940 e 12.051 (1950).

Escolas Públicas em número de 20 e uma frequência de 1.400 alunos espalhados pelos Bairros de Saúde, S. José, Oficinas (da Leopoldina), Laroca (onde existiu a primeira Igreja de São José); Porto Novo e Porto Velho.

Possue luz hidraulica, datando a inauguração deste melhoramento ao ano de 1907.

Cinemas Portonovense e Vila. Sociedades — Musical Carlos Gomes fundada em 1896; 7 de Setembro (1905) Portonovence (1918), Além Paraiba Esporte Clube (1912) e Corintias F. C.

Localizada na vertente esquerda do Paraíba, possue os seguintes Rios — Angú (ou Augustara), Prata e Pirapitinga.

A Serra do Mar, tem ali as denominações de Dona Joaquina, Torre Menina, Caxambú e Corcovado.

A 140 metros de altitude, é servida pela Estrada de Ferro Central do Brasil, representadas pelas estações Benjamin Constante (inaugurada em 6-7-1871) Simplicio (2-7-1871) e a Linha Férrea da Leopoldina com as estações de Porto Novo 8-10-1874) e São José como Antonio Carlos na mesma data de inauguração.

Ligada por Estrada de Rodagem de Volta Grande, exportando Manganês. Em solo montanhoso, decrescendo de Norte para o Sul. Estão a cidade sobordinados os distritos de ANGUSTURA (Ex Madre de Deus do Angú) e AVENTUREIRO que pertenceu a Mar de Espanha.

Está à frente de seus destinos, o operoso prefeito Sr. Octavio de Castro Côrtes.

CARTA A LUIZ GOULART

JOSÉ S. MAGALHÃES



Luiz Goulart

GOULART, o "Castelo de Plumas", onde vive os teus versos, — que são belos pensamentos, — pedaço tranquilo da tua vida; — é para mim, o "monasterium" em que o artista meditativo do verso na extrema modestia, descalço, o "Sapato Velho", "roto, estragado, triste, e... abandonado"; deformado e corrompido como uma figura daquelas que surgiram da sutileza — à malicia desse escriba modernista Pablo Picasso, no intuito malsão e irreverente destruidor do passado; si o passado da arte eterna e divina pode ser destruido pelo "cubismo".

Abandonaste na sob-soleira do Mosteiro esse "sapato triste, soturno, encarquilhado, e silencioso como os velhos que preferem silenciar após as jornadas, para as coisas do mundo aos jovens não contar!". Na sabedoria desse sapato — poeta e filosofo, há uma mensagem para os mansêbos, que serão os Mantegazzas no futuro...

De pés descalços e mãos vasias para o céu erguidas, enclausuraste no mosteiro da tua humildade e despretenção de noviço, moço como David, recebeste a consagração monachal; à luz cintilante de coloridas pedrarias, — das ditas "pedras mal polidas...", no fim de tantas vigilias, o "perigrino embriagado de ância...", — o Néo-profitando documenta a sua profissão de fé, traçando no quadro negro da vida o sinal da cruz na lirica sublime destes versos, cujas vivências espirituais, encontram-se mergulhadas no mais fundo e intimo do sentimento cristão: —

"A CRUZ

E' duro e pedregoso esse caminho . . .
Esse gume cruel
Que, às vezes, leva à glória !
SE TU NÃO PODES CAMINHAR SÒZINHO,
FARÁS, AMIGO, UMA JORNADA INGLÓRIA !

O IDEAL É A CRUZ...
A META — A PERFEIÇÃO
E O SÍMBOLO FOI JESUS...
Se não trazes calor no coração
Sossobrarás ao peso de tua cruz ! . . .

Luiz Goulart, o APÓSTOLO DAS GENTES, — onomástico de São Paulo, após o grito macedônico, — "passa à Macedônia, e ajuda-nos". Tornou-se o Apóstolo dos gentios. Luiz, tu és o poeta d'A CRUZ. Quando voltares ao "ponto de partida", não voltarás, jamais de mãos vasias... "na viagem de regresso" à "nova canaã", malgrado; não levarás o teu "Castelo de Plumas", "cujo teto é de estrêlas em cruz", êle, aqui, continuará na beleza arquitetônica, "alvo como os lirios puros", de portões abertos a exemplo das catedrais, sempre franquiadas as suas portas à entrada dos fiéis, e, aos infiéis — os discrentes...

Não, não levaram o teu levíssimo e niveo CASTELO... "Cada um que chega constrói uma casa"; disse o citarêdo de "O Jardim das Rosas" — SAADI, e acentua: — "depois, deve partir e deixar para outro essa morada". Luiz, amigo não voltarás de mãos vazias, a ti, te digo: — Desta vida só se leva a estima que se deixa.

Com um amplexo ex-cordi de profundo agradecimento pela dedicatória e o exemplar do teu belissimo livro que me enviaste.

* * *

ANO BOM

NO ambiente dêste dia há como que um fluido esparso de benevolência, uma ondulação de simpatia, em que as nossas maldades se diluem, se neutralizam, e as palavras de Cristo parece adquirirem a difusão e a penetração irresistível do ar, involuntariamente respirado, absorvido, assimilado nos pulmões, no sangue em fôrça em vida, em movimento, em aféto:

Amai-vos uns aos outros.

RUI BARBOSA"

* * *

CHARADAS NOVISSIMAS

1

1-2 — Não encontrei *embaraço* que superasse meu *vigor*; porisso, de aprendiz passei a mestre.

Bandeirante — São Paulo

2

2-3 — Quem tem alguma *coisa* de tarado *admite* a *volúpia da própria dor.*

Sam — C. E. C. — Rio

3

3-2 — Toda *pessôa que serve um partido* de corpo e *alma*, trabalha *apaixonadamente.*

Zytho — Rio

4

2-1 — Que *lucro* foi esse que causou tanto *remorso* ao *ganhador.*

Miss Tila — Rio

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

Acompanhe as letras e as artes do Brasil através dos trabalhos estampados na ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA uma revista que honra a nossa cultura. Páginas de alta beleza e emotividade. Nas livrarias e bancas de jornais, a Cr$ 10,00. Pedidos também pelo REEMBOLSO POSTAL, à S. A. "O MALHO" — RUA SENADOR DANTAS, 15-5.º and., Rio.



JOGOS E PASSATEMPOS



5

Ao valoroso São Paulo, no seu 4.º Centenário

2-1 — Com seus 400 anos, são Paulo, é hoje, o maior *tesouro* do País. Para construí-lo, encontramos enormes *embaraços*, mas nenhum *mistério*. Salve São Paulo ! Viva o Brasil !

Chô-Chô — Rio

*

CHARADAS SINCOPADAS

6

"VIVA SÃO PAULO ! QUATRO CENTÃO !

3-2 — Estou *excessivamente desconfiado* que você figurou na *lista* dos que felicitaram a Terra Bandeirante, no seu 4.º Centenário.

Bandeirante — São Paulo

7

3-2 — O *Núncio Pontifício* é um homem *alegre*.

Veniri — Rio

8

5-4 — Criança *endiabrada* faz uma casa *casa desarrojada*.

Ruvina — Moçambique — África Port.

CHARADA EM VERSO — 9

"AO FUSINHO"

Por *"fôrça"*, êste meu cigarro — 1
Num *antigo vaso de barro* — 2
Acendi. Foi um primor.
Eu li, fumando, a mensagem
Numa corrêta linguagem
Mas de fundo ameaçador.

Euclides Vilar — (póstuma)

JOGOS E PASSATEMPOS

Cupão de Inscrição

Nome .. ..

Pseudonimo .. ..

Aniversário — Dia ...... Mês .. ..

Residência .. ..

Cidade .. .. Estado .. ..



Todos pedem, todos desejam "Tiquinho", a revista infantil.

—Nós queremos "Tiquinho"—repetem as crianças de todo o Brasil.

*

"BAHIA CULTURAL - CHARADISTICA"

A Associação Cultural e Charadística Bahiana, agremiação destinada à difusão das letras e das artes, vem de prestar mais uma grande e valiosa contribuição pelo desenvolvimento do Charadismo, através de uma publicação periódica que preenche perfeitamente suas finalidades. "Bahia Cultural - Charadística", apresenta-se em excelente feição gráfica, otimamente redigida e sob a criteriosa orientação técnica dos consagrados pansofistas Dr. Egberto Mendes de Aguiar e Raul do Carmo Carvalho, o que é uma garantia para o seu completo êxito.

Congratulamo-nos pois, com os confrades da "Boa Terra" pela nova realização e desejamos que sirva também de exemplo para outras unidades da Federação.

LOGOGRIFO EM VERSO — 10

Num exame de medicina,
Certo estudante vadio,
Enquanto o lente o examina
Passou mal e sentiu frio.

— Suponha que foi chamado
Pra ver um que quiz morrer,
E que *até* haja tomado 8-4-3-5-12
Muita tinta de escrever.

— Em *êxtase* está o cujo, 4-3-6-10-3-5-12
Com o olhar meio vidrado...
Tem o rosto todo sujo 9-12-11-12-3-12
E um tinteiro ao seu lado.

— Foi gasto todo recurso
Sem produzir melhoria...
E terminando o discurso:
—Diga o senhor, que fazia?

Diz êle *muito* vermelho, 9-2-5
Julgando dar solução:
— Para ser *franco*, aconselho,
Pílulas de mata-borrão...

João Fogaça (Póstuma)

ARTIGOS PARA ESPORTES

Futebol, Basquetebol, Voleibol, Tênis e Patins — Roupas de banho — Calçados Tênis e Encordoamentos de Raquetes.

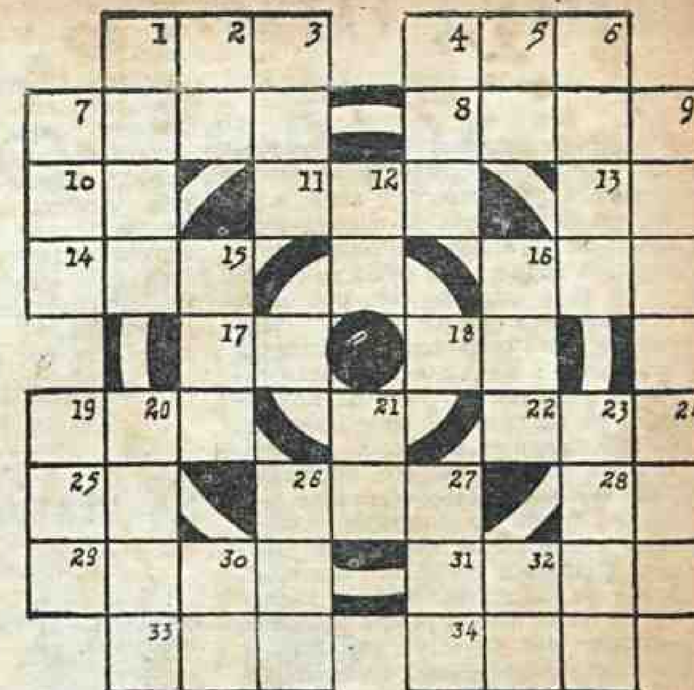
CASA SPANDER

120 — RUA BUENOS AIRES, 120 — TEL. 52-7992

PEÇA CATALOGO GRATIS

REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL

EXIJAM SEMPRE THERMOMETROS PARA FEBRE "CASELLA LONDON" HORS CONCOURS



chô-chô Rio

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais — 1 — Bile. 4 — Indivisivel. 7 — Caminhe. 8 — Vimeiro. 10 — Pôpa. 11 — Sorria. 13 — Vácuo. 14 — Naquele lugar. 16 — Altar dos sacrifícios. 17 — Até. 18 — Aviador exímio. 19 — Exalta. 22 — Ovário dos peixes. 25 — Substrato instintivo da psiquê. 26 — Madre. 28 — Vogar. 29 — Alvédo. 31 — Erudito. 33 — O acusado. 34 — Medida grega de comprimento.

Verticais — 1 Verídico. 2 — Mi-bemol, na notação alemã. 3 — Decifrador. 4 — Designação genérica dos frutos das vinhas. 5 — Mim. 6 — Escolher. 7 — Forma sincopada pop. de para. 9 — Época. 12 — Dirigia. 15 — "Pedra". 16 — Ocasião. 19 — Textualmente. 20 — Aroma .21 — Cabelo branco. 23 — Vitalidade. 24 — Arão. 26 — Nocivo. 27 — Gavinha. 30 — Observa. 32 — Caminhar.

TIPOS POPULARES DO RECIFE ANTIGO

COM esse título o nosso antigo colaborador Eustorgio Wanderley dará, em breve, à publicidade um livro de 52 crônicas ilustradas, pelo autor, com as caricaturas dos tipos apresentados, alguns até acompanhados, das musicas dos seus pregões pelas ruas do Recife há cincoenta anos passados. O trabalho está sendo impresso nas oficinas da Imprensa Oficial de Pernambuco, e constará de um volume de mais de 200 páginas em ótimo papel com uma carta - prefácio do historiador Mario Melo, Secretario do Instituto Arqueologico e Histórico de Pernambuco, do qual o autor do livro é titular, bem como da Academia Pernambucana de Letras.



PERFEITOS BUSTO Hormo Vivos

Produto científico para embelezar os seios

O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para os seios pequenos ou flácidos (moles) e o Hormo Vivos n.º 2 para os seios grandes, volumosos.

Inofensivo à saúde - Formula de absoluta confiança

IDÉIAS E FATOS

(Continuação da pag. 38)

Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, a quem já conheciamos como poetisa de "Tetracorde", surge, agora, em nova faceta de suas criações artísticas. Também discipula aplicada da lingua. Seu estilo se caracteriza pela simpleza com que cuida dos assuntos abordados. Se, como poetisa, em "Tetracorde", aparece no mais puro afeto maternal, encontramo-la cronista de "Dois de novembro", em "Naipes", a rever e reviver, carinhosamente, a figura paterna, naquele respeito austero, porém intimo, que a educação nordestina tem sabido incutir na formação dos filhos, passando de geração à geração. Outro seu trabalho, "Expedita", fotografa um quadro social e humano de uma dessas pobres mulheres desprotegidas do meio ambiente, à margem da sociedade, cheia de filhos naturais, vitimas que são, das origens e dos preconceitos.

Evangelina Accioly, à sombra de "Folhas do Outono" é, apesar de romântica, uma das mais objetivas. Nascida e criada sob o céu guaiubano, vendo e sentindo, desde os albores da existência, a paisagem deslumbrante da Aratanha (célebre pelas lendas e o famoso doce do Coelho) se inspira nas reminiscências da infância e dá-nos, em "Eu e Mimi", uma bêla página descritiva de seus passados anos quando, "menina, vestido curto e sem manga, cabelo ao alto da nuca e pastinha caida no meio da testa", passeava pelos recantos pitorescos, nos arredores da casa grande, da pitoresca serra da Aratanha. Pelo estilo claro, simples e bem humano, "Eu e Mimi", terá, por certo, um lugar de destaque em antologias futuras. "Nos antros da expiação", descreve o mal social da delinquência, maus tratos e falta de assistência em nossos estabelecimentos penitenciários. Ainda, objetivamente, aborda o problema da educação dos filhos, defende os direitos da mulher e fala numa reforma social, pela qual também almejamos.

Epilogando "Naipes", vamos encontrar Heloneida Studart, a tilintar socialisticamente. "Pulseira de Tostões", crônicas na sua maior parte, escritas no Rio. De estilo suave e, como Cândida Maria, escorreita na forma. Prática e objetiva.

Centraliza sua pena contra os granfinos e poderosos, na defesa da plebe e no amparo dos pequeninos do môrro.

Sua crônica-mensagem à "Granada e Garcia Lorca" é um poema em prosa de fino gôsto linguistico, dedicado ao mavioso e revolucionário poeta que foi (e continuará sempre o sendo, porque os poetas, os revolucionários e os heróis não morrem nunca) Garcia Lorca, assassinado pelo govêrno clerical do ditador Franco, numa madrugada fria de Agôsto de 1936.

O *ouro* que simbolisa "Pulseira de Tostões", fecha com chave de ouro "Naipes", um dos bons livros, no gênero, que lemos em 1953.

RAIMUNDO ARAUJO

NA VERTIGEM DA VIDA

(Continuação da pag. 30)

predestinação estética. Em "Citerëia" achamos reminiscências do grande Bilac:

"Fulgia a imagem da adorada Venus
No templo legendário de Citera,
Onde o rito pagão dos bons helenos
Cultuava a deusa na mundana esfera.

Busco, num templo igual, subtis venenos,
Nesta vida de luta, ingente e fera,
Tornando os meus lazeres mais amenos,
De Epicuro fruindo a vã quimera...

Encarno a alma de um grego ou de um romano,
Enamorado da Arte e da Beleza,
No enlêvo do sagrado e do profano!

Da catedral do Amor inerme prêsa,
No culto ardente, eterno e soberano,
Da mulher, no pecado e na pureza!

A Mulher é o grande tema de Renato Elisio. Por isso está êle em boa parceria com a maioria dos poetas dêste mundo, desde Petrarca ou Dante até Bilac ou Guimarães Passos. É o seu destino amar — e exaltar o amor. Talvez por isso o médico de nome não tenha querido subscrever êstes versos — que nenhum mal lhe fariam, entretanto, a fama profissional...

Quanto mais exclusivo o clube melhor a reputação dos sócios

(Continuação da pag. 21)

cartaz: admissão permitida somente aos que apresentarem cartão.

Ali, todos os vagabundos da grande metrópole encontraram abrigo seguro contra as bombas, estrado de madeira para repousar e um prato de comida.

Esse clube raro e cheio de socios desenvolveu-se muito de pressa; comprou-se uma casa em Kenington, ao sul do Tamisa, na qual esses desabrigados encontraram um ambiente familiar, tendo à sua disposição uma bibliotéca, jornais, bilhar, comida, e até pedicure encontram ali, como também salas de banho. Esta é, aliás, a única condição para ser admitido ao clube de Hungerford.

Os socios do clube observam sempre com orgulho que são necessariamente mais limpos do que qualquer membro de clubes exclusivos, pois são obrigados a tomar banho...

(IPA)

"CASTRO ALVES"

Por JOÃO GUIMARAES

PARA a juventude brasileira conhecer, em pequenas sinteses, os maiores nomes que têm honrado a literatura nacional, a Cia. Melhoramentos de São Paulo teve uma idéia excelente. Trata-se de sua série "Grandes vultos das letras", em volumes ligeiros e bem documentados. Acaba de aparecer o volume n.º 13, de autoria de nosso companheiro João Guimarães, professor e filólogo, jornalista dos mais cultos de nossa capital. E' "Castro Alves", estudado sob todos os ângulos de sua personalidade admirável. Com um "élan" que hoje é raro, João Guimarães escreveu um "Castro Alves" que todos os brasileiros vão compreender perfeitamente. Estilo de Artista, linguagem perfeita, fazem "Castro Alves" vivo neste livro de João Guimarães — que assim colhe mais um triunfo em sua carreira de homem de letras.





As crianças adoram "Tiquinho"
a revista infantil diferente.
Dê também, hoje, ao seu garotinho,
a revista dos tiquinhos de gente.

"DÁ TRABALHO A UM CEGO, E SERÁS O BANDEIRANTE DA SUA REDENÇÃO"

LEIAM
Ilustração Brasileira
— A MAIS LINDA REVISTA DO BRASIL —

COLEÇÃO "SETH"

PARA CRIANÇAS E JOVENS

LIVROS E ALBUNS QUE ENSINAM POR MEIO DO DESENHO



NOSSO MUNDO

Um lindo volume de 46 páginas, com ensinamentos sôbre Geografia elementar. Sétima edição. Noções seguras de Cosmografia, Geografia humana, producões, divisão política da Terra. Várias páginas sôbre o Brasil. PREÇO CR $10,00.

MEU BRASIL

Album fartamente ilustrado focalizando homens e fatos de nossa Pátria. Resumo dos principais eventos históricos, do Descobrimento até os dias atuais. 9a. Edição. PREÇO CR$12,00.

PRIMEIRAS LETRAS

Cartilha para principiante, com 300 desenhos, método altamente prático e elucidativo para ensinar a lêr. 19a. edição. PREÇO CR$10,00.

JOÃO E MARIA

Primeiro livro de leitura gradativa, cheio de interêsse para a criança. Fartamente ilustrado, com sólida encadernação. PREÇO CR$6,00.

PRIMEIROS TRAÇOS

Ensino racional e prático do desenho, com orientação no texto. Otimo auxiliar para as escolas profissionais. Desenho decorativo e ornamental. 14a. edição. PREÇO CR$4,00.

PRIMEIRAS REGRAS DO DESENHO

Um conjunto de conselhos práticos, sôbre a arte de desenhar, aos iniciantes do curso secundário e aos jovens com pendor especial para arte. 2a. edição. Farto texto explicativo e numerosos exemplos práticos. PREÇO CR$ 8,00.

FIGURAS GEOMÉTRICAS

Noções elementares de Geometria prática, com resolução dos problemas gráficos mais importantes: divisão de linhas, da circunferencia, traçado de curvas, etc. 4a. edição. PREÇO CR$ 6,00.

PRIMEIROS CÁLCULOS

Rudimentos de Aritmética ministrados por meio de figuras, com as Taboadas das quatro operações fundamentais. 8a. edição. PREÇO CR$5,00.

DISTRIBUIDORES

S. A. "O MALHO"

RUA SENADOR DANTAS, 15 — 5.º andar — RIO

ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Senhora

DESDE o seu aparecimento vem a revista mensal de figurinos e bordados "MODA E BORDADO" conquistando dia a dia a preferência das senhoras brasileiras.

A Emprêsa editora dêsse mensário, jubilosamente animada com essa justa preferência, resolveu melhorá-lo e ampliá-lo em todas as suas secções e especialmente em sua feitura material. Assim é que dos centros mundiais de onde se irradia a moda feminina foram contratados serviços especiais dos artistas mais em evidência, dos mais notaveis creadores da elegancia. Com a edição que está à venda, terão as nossas patricias ocasião de verificar que "MODA E BORDADO", revista editada em nosso País, se iguala ou é, muitas vezes, melhor que as melhores publicações de figurinos feitas no estrangeiro.

Pode-se afirmar, sem receio de contestação, que, embora seja Cr$ 12,00 o seu preço para todo o Brasil, "MODA E BORDADO" se equipara a qualquer dos jornais de modas procedentes do exterior e que aqui são vendidos a Cr$ 20,00, Cr$ 25,00 e Cr$ 30,00.

"MODA E BORDADO"

Revista-Figurino mensal — 58 páginas, inumeras coloridas.

FIGURINOS

Sempre os ultimos, os mais modernos figurinos para baile, passeio, esporte e para as Noivas. Magnifica coleção de vestidos de todos os tipos para todas as horas. Um modêlo para cada gôsto. Criações procedentes de Paris, Londres e Hollywood.

CONSELHOS E ENSINAMENTOS

Varias e utilissimas secções bem desenvolvidas sobre beleza, estética, elegância e adornos para o lar, são tratadas com proficiência.

ARTE CULINARIA

Em todos os numeros da revista as senhoras donas de casa encontrarão inúmeras receitas, para confecção dos mais deliciosos pratos.

E AINDA OUTRAS SECÇÕES QUE AGRADAM E ENCANTAM

MODA
E
BORDADO

A REVISTA QUE E' UM FIGURINO...
O FIGURINO QUE E' UMA REVISTA...

Gráfica Pimenta de Mello S. A. — Rio.